

A adolescência



Dr. Sergio Rodrigues de Souza

A adolescência



Dr. Sergio Rodrigues de Souza

2022 – Editora Unigala

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Autor

Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tiaty Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729s Souza, Sérgio Rodrigues de
A Adolescência / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga (MG):
Editora Unigala, 2022. 79 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-01-1

DOI: 10.5281/zenodo.7114085

1. Adolescência. 2. Amadurecimento Biopsicológico. 3.
Adolescência normal. 4. Adolescência patológica. I. Souza, Sérgio
Rodrigues de. II. Título.

CDD: 155.5

CDU: 159.9

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os
fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2022/09/a-adolescencia.html>



A ADOLESCÊNCIA

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

A ADOLESCÊNCIA

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
ADOLESCÊNCIA.....	11
SOBRE O AMADURECIMENTO BIOPSIOLÓGICO DO ADOLESCENTE.....	53
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

“As três manifestações da elevação sublime são a verdade, a beleza e a bondade. O pensamento verídico e a bondade ativa constituem as expressões mais claras do sentido da vida, despojadas no mais alto grau da fervilhante multiplicidade dos desejos. A beleza, domínio da arte, ao contrário, constitui o sentido da vida, a essência vista *através* do tumulto das paixões, da aparição multiforme e multicolor” (DIEL, 1991, pp. 98-9).

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano segue, desde eras muito distantes na história, obedecendo a várias etapas, todas elas com um grau de distinção considerável umas das outras; porém, não deixam de demonstrar uma determinada ligação ou vínculo psicológico ordenado entre elas, fator que se, por um acaso, rompido ou, de alguma forma, perturbado *irá* proporcionar transtornos psíquicos futuros bastante severos para os indivíduos.

Entre estas etapas está a tão falada e tão mal compreendida fase da adolescência. Ela continua, como uma fase da existência humana, envolta em mitos, *tabus*, conceitos e pré-conceitos, tempo de mudanças, descobertas e desafios; para isso, o adolescente não deve enfrentar o mundo adulto como um destruidor de valores interpessoais, mas como uma cultura nova que tem algo de relevância a ser agregado ao seu já concebido superego interior.

Há que esclarecer que, o fato de referir-se a ela como uma fase, já esconde o sentimento pueril de que esteja retida, especificamente, neste ponto da existência, não sendo possível que flutue de forma a manifestar-se em outros momentos da existência humana. A adolescência deve ser compreendida como uma condição humana inerente ao desenvolvimento singular da espécie, este que, por milênios, vários filósofos, desde Platão (428-348 a.n.e.), vêm dedicando suas buscas em torno de entendimento e de uma compreensão plausível [*sem grandes sucessos, dado que, o máximo que temos até o presente momento, são hipóteses e aproximações e nenhuma teoria que se mostre sólida o suficiente para que imponha-se como uma verdade científica*].

Aristóteles de Estagira (384-322 a.n.e.) é um dos filósofos da Antiguidade que, com mais precisão descreveu

o comportamento adolescente; mas, manteve-se nesta seara, não especulando sobre a sua formação psicológica inconsciente e, o que restou foi um hiato de milênios sobre o assunto até que surge um pensador alemão, S. Freud, que, partindo do estudo da infância estende sua investigação até a etapa adolescente e isto permitiu-nos que tivéssemos acesso a um avanço que depois dele não cessou mais em suas buscas pelo entendimento e pela compreensão da condição psicológica humana nesta etapa da vida.

É neste sentido que este livro busca realizar um aprofundamento, tentando encontrar respostas acerca de que maneira os adultos podem intervir nos processos educativos ocorridos na adolescência com vistas a poder contribuir para que o adolescente venha a atingir a vida adulta sem traumas e sem transtornos em sua economia psíquica. Para tanto, existe a necessidade clara de um aprofundamento teórico, empírico e reflexivo por parte daqueles que cuidam, educam e assessoram, a fim de subsidiar sua prática no trabalho de acompanhamento e desenvolvimento dos aspectos psicológicos existenciais dos adolescentes.

Muito se discute sobre a adolescência e, em sentido contrário, pouco material científico inovador sobre o tema tem sido disponibilizado ao público. Não há explicações claras e convincentes sobre os motivos da rebeldia dos garotos, formação de grupos e ritos de passagem criados por eles próprios, conflitos inter e intrapessoais, confrontos com os pais, a lei e os organismos de guarnição legais. E muito mais é saber determinar quando um adolescente encontra-se em conflito, relacionando o desejo de ter o que almeja e a possibilidade de ter aquilo que sustenta seu anelo.

Vários teóricos renomados e de todas as épocas dedicaram-se ao estudo da adolescência, cada qual deles

reduzindo-a aos seus respectivos campos objetivos de valores investigativos, o que cria uma nova dificuldade de interpretação e compreensão acerca do fenômeno. O que pode concluir, *a priori*, é que ela é parte integrante do aspecto humano de desenvolvimento normal, que, para alguns podem apresentar ou não conflitos, o que não condiz com a expressão da verdade, porque a ausência de conflitos já poderia ser considerada como uma patologia grave, considerando que o conflito é algo normal e inerente ao ser humano; a forma como cada qual vai manifestar e lidar com tais situações é que diferencia uma adolescência que pode ser considerada como sendo vivenciada de maneira normal de uma outra, que pode ser considerada como sendo vivenciada de maneira patológica; jamais sendo possível reduzi-las aos jargões clínicos de *Adolescência normal* e *Adolescência patológica*.

Esta divisão didática, aqui apresentada é pelo fato de que, determinar a adolescência, classificando-a, de modo simplista, como normal e como doente é abordá-la sob um eufemismo arbitrário e isto não é uma postura que pode ser tomada como científica, dado que é através do *ethos*, do comportamento que se pode chegar a tal dedução e definição da mesma. Logo, o que opto é por afirmar que há adolescentes que vivem suas existências sob formas que permitem interpretações de uma forma ou de outra, de acordo com as tradições das sociedades nas quais estão imersos.

ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período de mudanças, físicas, psicológicas e são acompanhadas por alteração das formas corporais, das emoções e por alterações bioquímicas. Tais mudanças podem ser explicadas através da interação com o ambiente em que vivem. As mudanças biológicas, do ponto de vista cultural, representa a “transformação do estado não reprodutivo ao reprodutivo”¹, ou seja, na adolescência esse amadurecimento do sistema reprodutivo provoca mudanças características desse período e também impõe limites para cada sexo, sendo estes colocados pela sociedade na qual estejam inseridos.

Devido à incapacidade teórica que toda e qualquer cultura encontrou para compreender a etapa humana da adolescência sob o aspecto psicológico, interpretaram-na sob o crivo biológico e assim tem sido, determinando-a como um fim em si mesma e, neste formato, tem-se a possibilidade de determinar mecanismos de controle que possa atender a todos; isto porque [quase] tudo o que já foi experimentado terminou em fracasso iminente, não se encontrando uma justa medida das coisas que permitisse uma conquista potente neste campo.

A preocupação da espécie em manter a tradição de perpetuação faz com que se criem formas muito distintas de preparar os adolescentes para atravessar este distinto momento de configuração da economia psíquica, resultando em conflitos diversos, porque em um momento onde se coloca a questão de igualdade de direitos para ambos os sexos, o resultado não poderia ser mais catastrófico do que se espera, uma vez que a Adolescência deve ser tratada

¹ SCHLEGEL & BARRY, 1991 *apud* BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002, p. 32.

sob o aspecto psicológico e o biológico; os aspectos interpretativos gerados pela sociedade e pela cultura são coadjuvantes no processo e não determinantes, cabendo que eles criem e que sancionem imposições que sirvam como elemento de proteção à saúde psíquica e à saúde física dos mesmos.

A psique humana, por si só já se mostra bastante complexa, por uma condição de excelência da própria natureza que a conforma; no entanto, isto não diz que se mostre impossível de ser interpretada, entendida e também compreendida, através de um exame criterioso, utilizando, para tanto, instrumentos adequados para a ação. Ela se torna incompreensível quando se tenta compreendê-la a partir da interpretação de vigaristas que possuem situações psicológicas mal resolvidas com seus genitores e que tentam se encontrar levando outras crianças mal formadas intelectualmente a confrontarem seus espaços de vivência e culturas sem terem a mínima noção do que isto pode representar. Nisto, tem-se que quando a criança ou o pré-adolescente e mesmo o adolescente é deixado à sua própria sorte o primeiro sentimento que toma conta de seu espírito é o de abandono e, na esteira deste, advém uma longa série incontável de outros, cada qual mais assustador que este, o que pode conduzir a dois rumos [*aparentemente*] distintos, mas que interligam-se na determinação dos indesejados comportamentos antissociais e suas peculiares dimensões personológicas.

De um lado tem-se o estado de apatia, depressão, medo, esquizopatias e introspecção severa, conduzindo a estados autistas e psicoses severas, insegurança. Nestas situações, tem-se todo o pavor e a ira voltando-se contra o próprio indivíduo e, por vezes, este aplica sobre si mesmo agressões as mais severas, como automutilações, tentativas fracassadas de suicídio, podendo chegar até mesmo a

incorrer em uma que se mostre bem sucedida. Nietzsche já expressava que todo sentimento de raiva, de fúria ou de ira, que não se exterioriza, volta-se contra o próprio indivíduo, porque está ali um terrível animal acossado, arranhando as paredes de sua jaula e impossibilitado de sair.²

De outro lado, tem-se as temidas e famigeradas manifestações adolescentes, em que se exterioriza todo o comportamento delinquencial contra os outros, ainda que esteja expondo a severos perigos o próprio corpo, através da prostituição, do uso de drogas pesadas, comportamento agressivo, abuso de bebidas alcoólicas, direção perigosa, desafios que põem sua vida em pleno risco ou destruição de patrimônio público ou alheio.

Todas as duas posturas, tanto a introspectiva como a extrospectiva são formas de delinquência juvenil e que na raiz de ambas reside o sentimento desperto pelo abandono dos pais e/ou daqueles que devem responsabilidade direta por sua seguridade afetiva. O problema reside na situação de que não existe um manual que diga, a quem quer que seja, qual a dose exata de afeto, de aproximação e de afastamento cabe oferecer aos adolescentes para que sintam-se amados por seus pais e seguros deste amor, o suficiente para buscarem apoio afetivo em outros indivíduos e para que não realizem façanhas que sejam proibidas pela cultura humana e pela espécie biológica.

O que pode parecer, aí, um conflito direto não, necessariamente, o é. A cultura humana, que aí representa o Superego, descrito de maneira clássica por Freud e o constructo biológico, representado pelo Id, o inconsciente que, diferentemente do primeiro, não foi apenas descrito, como tornou-se objeto supremo de estudo pelo Mestre de Viena. Ambos trabalham em prol da proteção da vida, em

² NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

busca da seguridade psíquica do adolescente. Os desafios surgem quando o próprio é levado a interpretar a ação cultural humana como uma forma de domínio absoluto, uma opressão contra a liberdade de ser quem se presume que é e de fazer o que acredita ter direito, ainda que não seja detentora de poderes e nem de autoridade para tanto. Do outro lado, se ignora, em nome desta mesma liberdade, os preceitos biológicos que a natureza demorou tanto tempo para definir como sendo ideais ao pleno desenvolvimento da espécie.

Tomando esta explanação como um ponto de partida para uma compreensão mais ampla e mais profunda do processo de desenvolvimento psíquico e personológico humano, a adolescência pode ser interpretada como uma fase de conflitos e um dos principais alvos dos humanos, ao adentrarem esta etapa da vida são os valores dos adultos, especialmente, os dos pais. Estes, mesmo que não em sua totalidade, mas vivem sob o princípio da realidade, logo, os adolescentes os conflitam buscando dar um valor absoluto ao princípio do prazer.

Este confronto é uma questão bastante complexa, do ponto de vista filosófico, porque está se tratando, de modo direto, com um alguém que não possui o nível mínimo de maturidade para discernir entre o que é bom ou ruim e entre o que é prazeroso ou não e, especialmente, entre as suas consequências diretas sobre a vida.

Cada geração tende a repetir os mesmos erros que a anterior e isto, porque o processo filogenético que a *Physis* impõe ao ser humano o leva a isto e mesmo que se diga que todo o avanço epistemológico conquistado pelo homem, em sua jornada existencial deveria ter acabado com isto, esta representa a mais ingênua característica que a espécie ainda não conseguiu superar: sua ignorância sobre quem é e como se dá o seu desenvolvimento personológico.

O fato de que sobre o desenvolvimento individual do ser humano pesa o processo ontogenético leva estes, em determinada idade/período desenvolvimental a agirem como crianças, atuando sem uma ampla noção de perigo real das coisas, confiando em suas forças, que supõe conhecidas e mesmo na condição [*ingênua*] de que as [*outras*] pessoas sejam boas e dotadas de espírito nobre e irá respeitá-los/protegê-los e mesmo que um herói super poderoso e de coração valente vai aparecer e salvá-los do perigo real e imediato, no momento exato da ocorrência da tragédia, evitando que incorram em algum mal com consequências mais graves.

Este é o maior dos riscos a que estão submetidos os adolescentes, o de serem conflitados pela realidade em confronto com a ilusão criada em seus mundos particulares, que somente se torna real em seus respectivos espíritos esquizofrênicos, situação que deixa marcas indeléveis por toda a vida e com consequências drásticas, caso não bem trabalhadas e aqui, tem-se outro conflito geracional, porque o ideal é que tais situações jamais ocorressem, porque o espírito humano não suporta violências do tipo que o deixa à mercê do sentimento de abandono por aqueles a quem julgam que deveriam protegê-lo do mal.

O maior desafio posto é este, o de compreender como equilibrar uma disputa bio-psicológica em que, de um lado, tem-se alguém a exigir que o proteja, porque incapaz de confrontar um mundo selvagem e assustador que o amedronta, frágil que [*ainda*] é; e de outro lado, tem-se um arrogante que acredita, sobre todas as coisas, que detêm o domínio sobre todas as situações e que consegue defender-se sozinho, porque conhece as situações e é poderoso.

A geração que a sucedeu, sabedora de todos os impropérios e violências a que foi submetida por este tipo de pensamento ingênuo, insinua-se sobre os adolescentes,

recebendo todo tipo de agressão e, caso não se mostrem ser pais amorosos, terminam por entregar à sorte e/ou azar a proteção dos seus adolescentes, o que provoca mais desastres, porque tendem a experimentar tudo o que a vida e a existência ofereça, crendo que são invulneráveis e que aquelas pessoas à sua volta estão preocupadas com elas ou que as protegerão. Nem uma coisa nem outra é real e o que acontece ao fim são desastres e traumas, fazendo com que toda uma vida futura seja maculada pela insegurança e, conseqüentemente, pelo ódio contra todos, contra aqueles que a agrediram, contra aqueles que a induziram ao erro e contra aqueles que não a impediram, ainda que de forma violenta. Mas, sempre incapaz de realizar uma auto leitura, a culpa por sua tragédia é sempre atribuída a terceiros.

Este é o grande desafio posto na compreensão da adolescência, porque o que cabe àqueles que estão de fora, é apenas a observação da manifestação dos fenômenos psicológicos inerentes à idade e, cada qual vai tentar dar uma resposta, sempre fundamentado na própria experiência e [*muito*] raramente, a partir de estudos sistemáticos que permitam compreender de fato o que acontece no mundo dos adolescentes e como ele é afetado pelas mudanças estruturais que estão a acontecer na sociedade e até que ponto, a omissão dos pais conduz a tal condição de conflito insolúvel.

O jargão ultrapassado de que a experiência dos mais velhos sobre este período e como o enfrentou serve para orientar os filhos, netos e estudantes tem-se mostrado como a principal causa de ruínas, porque existem aqueles que foram comidos e são infelizes porque assim agiram, outros, o são infelizes porque ousaram demais e o resultado foi uma catástrofe; outros, não e nisto, as experiências individuais não permitem uma compreensão real do que seja a existência dinâmica do período de desenvolvimento

humano determinado como adolescência e seus conflitos, internos e externos.

Nisto, chega-se ao ponto de que, é somente a partir de intensos estudos sobre esta fase, fundamentado sobre pesquisas levadas a efeito por cientistas sociais sérios, amparado por profissionais de diversos campos, todos interessados em compreender a problemática que envolve esta etapa desenvolvimental pode garantir conhecimentos, em nível científico, capazes de proporcionar um suporte adequado àqueles que estão, sem condições de negação, a avançar em idade maturacional, cognitiva e intelectual, saindo da infância e adentrando a adolescência, porque esta não é somente um momento na vida do ser; trata-se de um fenômeno ontogenético que repete toda uma existência filogenética; portanto, há que se travar conhecimento a partir de toda a história da espécie humana, procurando analisá-la detalhadamente até se aproximar de uma compreensão sobre como milhões de anos podem ser resumido em anos.

Não há como se afastar da ideia de que falar em adolescência implica, de certo modo, em uma referência direta ao biológico. Esta tentativa de abnegação tem sido a causa-prima de infinitos contrastes, a maioria de natureza pueril, porque conduz à ingênua concepção de que uma força miraculosa e invisível já prepara a todos os seres humanos para amadurecerem cognitiva e intelectualmente, por si só, sem razão de dependência alguma com os processos de educação, parecendo que na experiência atual, refere-se, sobretudo, ao campo dos sentidos da experiência contemporânea, de subjetivar-se, o que leva a adolescência a ser percebida como uma cena crucial na construção das narrativas pessoais e da sociedade. Muito pior que isto é a redundância do aspecto desenvolvimental humano ao binarismo, em que traduzem-na como sendo ou biológica ou psicológica e jamais, um conjunto de coisas que

necessitam de um entendimento amplo, caracterizado por sua profundidade epistêmica, esta que ultrapassa o próprio ser, a começar que a existência atravessa o indivíduo e ele necessita compreender o que está a acontecer e mesmo porque seus pais e cuidadores não permitem que algumas lhe aconteçam, apesar de ter que conviver com a existência das mesmas à sua volta.

Nisto, os processos mais simplórios de mutação corporal são descritos pelos especialistas no assunto com uma admirável rasa propriedade, não conferindo, com isto, a seguridade necessária para que o adolescente tenha força, compreensão, potencial e capacidade para enfrentá-las com autoestima apropriada, sendo incapaz de criar uma estrutura de ego forte o suficiente para seguir na vida com segurança de sua economia psíquica.

No campo da estruturação psicológica, tem-se uma gama de exposição de exemplos e dogmas que em nada se mostra suficiente para que o adolescente compreenda os sentimentos confusos que acometem seu espírito e possa, ao menos, sentir-se menos pressionado a crer que está enlouquecendo ou que é uma forma abstrata de aberração da natureza, não se encaixando em nenhum espaço no mundo conhecido.

Como fim último de esconder a ignorância sobre este período existencial humano, naturaliza-se a adolescência como um período essencial para o crescimento do indivíduo e para o desenvolvimento da sociedade na medida em que os jovens constituem focos de mudanças.

Este entendimento é muito ingênuo para que se possa compreender uma fase existencial humana, onde toda a configuração filogenética e ontogenética se repetem sobre o ser, exigindo que atue de acordo com os anseios de uma sociedade que não o compreende e nem se interessa ou demonstra qualquer tipo de esforço neste sentido, porque

impossibilitada de conhecer-se a si mesma, não pode se dar a compreender o adolescente e a si mesma, muito menos ainda e que para piorar o que já é muito ruim, não possui qualquer noção *concreta* sobre o que acontece na estrutura psicológica desenvolvimental do ser humano nesta referida fase existencial.

O conflito surge entre ambas as categorias quando a sociedade tenta impor sobre a geração mais jovem toda uma gama de valores que se mostram abstratos e voláteis especialmente quando vem sob o jargão: *Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!* Esta é uma linguagem moral muito estranha ao indivíduo em formação, porque conflita com uma imagem imaculada que criou em seu pensamento sobre os seus ídolos que, mesmo sabendo serem de barro, incute-lhes de algum valor que extrapola a razão prática.

A adolescência é uma fase complexa e que, por mais que alguns adolescentes possam se mostrar ousados e independentes, ainda dependem [*em grande quantidade*] de uma figura de identificação positiva e que se apresente em conformidade com os valores que acreditam serem os seus, porque todo o mundo está de ponta-cabeça e eles detêm a solução para todos os problemas e uma destas soluções mais infalíveis é a ética e a moral aplicada em seu máximo de rigor, não admitindo a relatividade das coisas e sua adequação aos preceitos existenciais.

Este comportamento é uma consequência do espírito esquizofrênico do adolescente, tema de estudos profundos e de apresentação realizada por Vygotsky que, devido à sua morte precoce, não teve condições de ir além em suas investigações e experiências empíricas nesta referida linha de argumentação. Mas, o que ele legou ao mundo em termos de dedução acerca do assunto já foi o suficiente para

que se pudesse avançar, sobremaneira, na compreensão do *comportamento adolescente*.

Uma gama de traumas são geradas aí, nesta fase da vida, sendo as mais violentas a perda de sentido e de confiança e, muito pior que os traumas provocados pela violência na infância, a memória não consegue apagar ou sublimar o ocorrido, exatamente, porque aquele período de latência [*termo aplicado por Freud ao desenvolvimento biopsicológico da estrutura humana*] e que, na verdade, representa um estado de quiescência da energia libidinal reprodutiva já não ocorre com o adolescente que, depois de sua fase de amadurecimento físico e cognitivo, o que lhe espera é a condição de uma sexualidade voltada para o amor genésico e a reprodução, situações estas impostas pela *Physis* e pelo *Nomós*, sobre as quais não encontra apoio e respaldo para negar, nem mesmo em sua própria condição intrínseca, que passa a ser palco de um violento conflito, sendo exteriorizado em situações as mais diversas e inesperadas.

Isto conduz à condição de que se produza uma ciência hermenêutica que possibilite a uma compreensão mais profunda da Adolescência e não somente a entenda e se passe a acreditar que tal condição ingênua seja suficiente para poder lidar com as situações de conflito endógeno que, uma vez expostos, prejudicam toda a ordem e o equilíbrio cósmico. Aconselhar aos pais que entrem na onda de seus filhos adolescentes é condená-los ao ridículo por duas vezes, sendo a primeira porque o adulto vai parecer um fanfarrão fora de moda e de época; em segundo lugar, porque pode achar aquilo atraente, pelo fato de que alguma mocinha ou algum rapazinho vai sentir-se atraído por ele ou ela e as consequências serão ainda piores do que se poderia [*sequer*] esperar. Afrouxar a doutrina sobre os adolescentes é compreendido por estes como abandono

afetivo e podem procurar apoio em qualquer outra figura abandonada e que esteja em condições psicológicas piores do que ele, porque se acha em condições de contribuir para fornecer apoio existencial aos outros, uma vez que *já possui experiência de vida, já viveu muitas situações, atuando como conselheiro espiritual, etc.*

Ocorre que, o máximo que sabe sobre tais situações é a expressão de sua miséria espiritual, com a qual não sabe lidar, porque não entende, conseqüentemente, não compreende e ainda não pode contar com ninguém para explicar-lhe o que está passando em sua cabeça. Por fim, o conselho mais profundo intelectualmente que sabe oferecer aos seus companheiros de jornada sem rumo é *esqueça isto!, Isto passa! Tudo vai dar certo!* Respostas vazias que só podem sair de um pensamento vazio e esta é a realidade abstrata com a qual não conseguem dinamismo efetivo, gerando um novo tipo de conflito, porque as sociedades aonde vivem exige deles que demonstrem um tipo de poder que não possuem, sendo obrigados a fingir e aí está pronta a armadilha mais violenta a que são condenados a cair.

Não se pode tomar os fins pelos meios, porque a vida e a existência humana são marcadas por situações que atravessam cada um e a isto denominam experiência, no entanto, não basta vivê-la para ser considerado maduro; há que interpretar todas as coisas, internas e externas, até que se possa aproximar-se de um entendimento mais amplo, coisa que os adolescentes não fazem, seja por inépcia, seja por ausência de condições intelectuais mínimas para tanto.

A adolescência configura-se como o período de transição entre a infância e a idade adulta, sendo que esta fase da vida se constitui como um complexo período de transformações muito profundas, em todos os campos da constelação humana, sejam elas nos componentes físicos, psíquicos e, principalmente sociais, destacadamente na vida

de um adolescente. De acordo com alguns autores, a adolescência dura aproximadamente dos 12 ou 13 anos até o início dos 20 anos.³ Portanto, não existe uma definição objetiva para seu ponto de início ou fim. Geralmente, a adolescência se inicia na puberdade, ou seja, através do processo que leva à maturidade sexual. Assim, considera-se puberdade, o período em que ocorre a menarca (a 1ª menstruação) nas meninas e da polução (1ª ejaculação) nos meninos; dessa forma, entendendo-se que já [pré]exista a capacidade natural para a reprodução.

A dificuldade para separar a fase adolescente da puberdade é uma discussão complexa e que encontra problemas diretos, porque é na adolescência que tem início o processo de amadurecimento gonadotrófico humano e não, necessariamente, a sua ocorrência efetiva, isto em se falando de um desenvolvimento psicofísico que pode ser considerado normal, estando adequado à idade e ao respectivo sexo. O primeiro sintoma que não se pode deixar que domine o entendimento científico é que, não é pelo fato de haver um contingente cada vez maior de meninas em fase adolescente, engravidando e vindo a dar a luz, que nesta fase de suas vidas já estejam aptas, biologicamente, para tal ato, deixando bem transparente que, na maioria dos casos, isto aconteceu por fenômenos externos à jovem e não necessariamente por uma mudança fenomenológica ligada ao gênero humano.

Compreendido este aspecto, na adolescência é que se registra o aparecimento dos primeiros sintomas relativos à atração afetivo-sexual já direcionada, efetivamente, à futura formação de casais monogâmicos, visando à união matrimonial, aspecto muito comum à *Physis* humana, em

³ PAPALIA, 2000 *apud* VIANA, Fabrício. *O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido*. Blumenau: [s.e.], 2006.

que se resulta os filhos e a continuação da espécie. No entanto, nas primeiras manifestações de amor erótico por um parceiro do sexo oposto, não está aí, impregnado o desejo efetivo de vinculação genésica entre os pares, estando situado no plano de uma transferência de um amor incestuoso para um tipo de amor que não seja incestuoso, entendendo aqui que, a fase de adolescência representa uma repetição do Complexo de Édipo, conforme preconizou S. Freud em seu último trabalho bibliográfico, em 1939.

Todo o desenvolvimento humano, em especial desde a infância até o fim da adolescência, é controlado de perto pela sociedade ocidental contemporânea e ainda assim, muitas desgraças e problemas recaem sobre os mais jovens que terminam assediados e convencidos a penetrarem em um mundo que é estranho e pesado a eles, sem ter o mínimo de preparo psicológico para compreender, de modo mínimo que seja, a dimensão das exigências que lhes estão impondo e isto termina por ser um ato de violência que somente muitos anos mais tarde, o indivíduo dará conta de fazer entendido e de processar.

A identidade intrínseca do adolescente é alguma coisa desconhecida de si mesmo e quando a geração adulta lhes cobra mais responsabilidades e mais compromisso isto soa estranho, porque uma vez que não estão em sintonia com seus respectivos mundos endógenos, estar ou entrar em harmonia com o mundo exógeno se torna algo fora de perspectiva, mesmo que haja desejo e expectativa.

Este tipo de conflito é delicado e perigoso demais para se tentar resolver *a fórceps*, simplesmente porque cada situação não resolvida ou mesmo mal resolvida neste breve período existencial retorna anos mais tarde cobrando um preço bastante elevado e que os indivíduos necessitam ter o devido preparo para solucioná-los, sem que isto destrua suas condições ideais de existência que acreditam terem

construído, considerando que muitas leituras delicadas e de impacto profundo sobre o próprio ser e suas atitudes serão postas à desnudo, penetrando em espaços mnemônicos que, uma vez despertados, todos desejarão que se tivesse mantido oculto.

Nisto, tem-se que aquilo que parece ser um controle comportamental da sociedade, que convencionaram chamar de paternalista, patriarcal, é uma herança da *Physis*, uma determinação de precaução que está no cerne de todas as culturas humanas conhecidas, mesmo entre aquelas onde, aparentemente, se permite um grau elevado de liberdade entre os adolescentes. O que se convencionou chamar de dominação é, pelo contrário, uma forma de proteção contra determinados atributos de poder da cultura, contra os quais os adolescentes nem ao menos conhecem suas formas mais dinâmicas, quanto mais suas formas mais particulares e singulares.

Foi a partir do instante em que a infância e a adolescência ficaram completamente entregues aos seus próprios determinismos e juízos de valor que suas estruturas [*intelectuais, morais, éticas e de percepção da realidade*] começam a se definir, porque buscam apoio em figuras que são tão ou mais perdidas que eles próprios e, não encontrando o suporte de autoridade que tanto necessitam para a construção de seus respectivos egos, tornam-se vazios, tendo que encontrar este tipo de valor à força, onde partem para tipos ousados de delinquência, como se estivessem obrigando às pessoas a amá-los, a admirá-los, a reconhecê-los. Estas atitudes criam um tipo de indivíduo que se parece fisicamente com um adolescente, mas em espírito já o deixou de ser no instante em que percebe que fora abandonado por seus pais e tutores e, pior, traído por uma ideologia que não oferece nada de concreto para sua vida.

A fase da adolescência é um estágio da existência que pode ser tomado como tão normal quanto o nascimento e a morte, compreendendo que nem todos nascem da mesma forma e, muito menos morrem do mesmo modo. Natural que a passagem por esta fase da vida seja tomada de forma complexa e, em nenhuma hipótese pode ser universalizada a partir de um ideal de estilo de vida, em que a família tradicional anseia por um formato e os libertinos anseiam por outra, criando uma dicotomia entre culturas e gerações para além do que se pode dar conta de desejar administrar com categoria.

Foi com o avanço da Medicina e a popularização de conhecimentos técnicos referentes aos campos psicológicos e psiquiátricos que se começa a tratar a adolescência como uma fase que merecia a devida atenção e é a partir de Freud e seus trabalhos sobre a sexualidade humana que se entende, *a fortiori*, que havia fases distintas no gênero humano e que cada uma delas demonstrava um tipo de comportamento específico. No entanto, o Mestre de Viena, somente vai abordar esta fase existencial humana, de modo superficial e quando se vê em condições de aprofundar seus estudos neste campo, já está esgotado fisicamente, não encontrando tempo para discutir as ideias que lança sobre o papel.

O professor G. Stanley Hall aborda as mesmas ideias defendidas por Freud, em seu trabalho acadêmico de Ph.D. em Psicologia; porém, a discussão não toma o *corpus* acadêmico como um todo e, novamente, vê-se prevalecer as ideias mais estapafúrdias, levando a surgir as hipóteses de que existem várias *adolescências*, sem que se explicasse tal situação de compreensão sobre como se chega a tal ideia.

Neste sentido, Daniel Becker argumenta que, antes de começar a discutir sobre o conceito de adolescência é

preciso esclarecer que “não existe uma adolescência e sim várias”⁴, em que o próprio conceito de que ela represente um fenômeno universal é considerado, por alguns teóricos, como muito duvidoso.

Pode-se tomar o pensamento exposto pelo teórico, como uma metáfora, porque a fase adolescente é única e insubstituível, podendo, em muitos casos, ser adiantada ou retardada, de acordo com as premissas culturais de cada povo, suas crenças, seus princípios particulares e modo de compreender a existência humana, em sua totalidade e etapas. O que não se pode permitir é que uma ideia abstrata seja posta como verdade acerca de um período que se estabelece como essencial na vida de cada ser humano, por representar um momento em que as mutações físicas e psicológicas se associam às diversas responsabilidades sociais complexas, como assumir um lugar de destaque junto à família, à sociedade, escolher um parceiro para o futuro, escolher uma profissão e pensar que será exemplo para outros que virão depois de si.

Em qualquer cultura, muitas destas obrigações são inquestionáveis e dirigidas aos mais jovens, porque faz parte da condição filogenética da espécie e também da condição ontogenética humana; nada que possa ser entendido e explicado pelo regime financeiro, como o quer a maioria dos supostos pensadores que escrevem sobre a adolescência. Esta fase acontece em todos os humanos, porque estes representam uma única espécie biológica, marcada por suas características singulares e em cada região, dadas as suas peculiaridades, aspectos fenotípicos são expressados de maneira diferente, variando por questões particulares de clima, alimentação e condições de saúde geral.

⁴ BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 53.

Esta questão de ser enfático sobre a não existência de uma fase humana se deve ao entendimento apressado de estudos de antropólogos que, simplesmente, observaram comportamentos divergentes do que se tem relatado nos livros por estudiosos que nunca saíram de seus respectivos consultórios e laboratórios e, muito menos dos limites de suas cidades e, para piorar, dos espaços limitados de suas visões, reduzindo toda a verdade científica ao que criam como tal.

Mas, mesmo os estudiosos de campo que teceram críticas àqueles que escreveram sobre as manifestações de comportamento humano, nas diversas fases da existência, o fizeram buscando explicar cada detalhe observado em culturas distintas e, de que forma e o porquê de tais coisas acontecerem nas culturas européias e não nas culturas aborígenes, dado que estes cientistas foram os pioneiros a realizarem observações de campo e as transcreverem, o que permitiu análises e interpretações futuras.

Um detalhe sobre a adolescência e, quando se fala nela, há que determinar fatores de transformação em todos os níveis existenciais, indo desde a mudança psicológica, de comportamento, até as re-estruturações corporais, com uma carga hormonal sendo produzida e o cérebro deste indivíduo ainda não sabe como processar a carga química que inunda todo o corpo. Natural assim que entre em estado de loucura, coisa que vai se acertando à medida que aprende a equilibrar estas forças. Mas, há um detalhe que estes gênios que dizem estudar os fenômenos inerentes à adolescência não conseguem ou não querem explicar: as condições socioeconômicas irão determinar as maneiras como cada indivíduo atravessa esta fase da vida. Aquela criança que nasce em uma família abastada terá mais chances de experienciar situações muito mais amplas de crises éticas, enquanto que a criança que é menos abastada terá menos

chances, porque a rigidez e a exigência de que trabalhe, de que usufrua menos de livros e textos, acesso a tratamentos psicológicos e outros, fazem com que tanto ele quanto sua família entendam o estágio da adolescência como um período que deve ser superado pela força bruta.

E há um terceiro tipo, aquele que cresce à margem da sociedade, sem leis que o ensinem a obedecer às regras e assim, para este a fase de adolescência é o momento do vale tudo, ou seja, o que a natureza ordena que experimente assim o faz, transformando-se em uma besta selvagem e primitiva.

Em muitas culturas primitivas, a existência e a manutenção dos rituais de passagem ajudam a amenizar a pressão que a fase adolescente coloca sobre o indivíduo; mas, não a elimina, de modo algum, como bem quer afirmar alguns apressados, ansiosos em criticar o formato de educação fundamentada na moral platônica-cristã. E, nestas sociedades aborígenes, os valores morais são muito rígidos e mesmo que se apresente determinada liberalidade com relação às experiências amorosas da fase, há preceitos que não podem ser rompidos, sob pena de que a alternativa para quem as viole seja o suicídio.

Como exemplo, cita-se as sociedades em que o ritual de passagem da vida infantil para adulta se faz de forma gradativa, dessa forma, a criança vai adquirindo funções e direitos até que atinja a fase adulta sem que atravesse a *crise da adolescência*⁵; em outras, a criança passa por rituais que envolvem, em muitos casos, intenso sofrimento psíquico e físico, que pode ou não facilitar o processo de interação à sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da auto-estima, da identidade do jovem. Existem algumas

⁵ BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 53.

culturas, como é o caso dos trobianeses, na qual não há o período de transição da vida infantil para a vida adulta, o que [*procura*] reforçar a afirmação de que “a adolescência não é uma fase natural de desenvolvimento” humano.⁶

Ao afirmar que a adolescência não constitui uma etapa natural do desenvolvimento psicofísico humano, o autor quer dizer que ela é uma construção social que passa a ser vista e valorizada, somente, a partir dos avanços no conhecimento médico, dos processos de trabalho formais e, principalmente, com o advento da Psicologia que toma, para si, o desenvolvimento personológico do ser humano como objeto de estudo empírico.

Entretanto, há que se tomar o devido cuidado ao fazer tal afirmação, porque é impossível que se crie uma condição de comportamento tão avultada e a implante em um ser tão complexo quanto o humano, especialmente quando se vive sob condições de controle e cuidados tão severos com relação ao desenvolvimento estrutural da personalidade da geração que assumirá o comando do Estado. Não é pelo fato de que, de repente, se passou a exigir maiores cuidados com uma fase muito específica da existência humana que se pode tratá-la como uma criação biomecânica.

Determinar a plena existência de uma fase na vida humana, a partir da exposição de conflitos é ridículo, porque mesmo que não seja exposto, estes que ocorrem, na maior das vezes de modo endógeno e quando há exigências outras mais prementes, como o trabalho e o cuidado dos irmãos mais jovens, não sobra muito espaço para que se manifestem fora da esfera do cansaço das obrigações e da imposição dos limites aos menores, o que não elimina os

⁶ BOOK, 1999 *apud* VIANA, Fabrício. *O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido*. Blumenau: [s.e.], 2006, s.p.

sentimentos conflituosos que acompanham os adolescentes; apenas os silenciam de um modo muito abrupto, deixando a impressão de que esta fase é coisa natural de indivíduos pertencentes à classe média e alta, por despenderem de tempo ocioso.

Entretanto, isto não se mostra como verdadeiro, porque mesmo o mais tímido ser humano, quando em sua fase de transição da infância para a fase adulta, não escapa de sofrer a influência de um processo de maturidade em que o cérebro vai passando de processos desenvolvimentais físicos para processos intelectuais, ou seja, vai deixando de produzir células que contribuem para formar o esqueleto e a estrutura osteo-corpórea humana e direciona suas energias para a produção de células que permitam uma compreensão da existência e como sobreviver às batalhas que a vida coloca de aí por diante.

O ritual de passagem, ainda comum nas sociedades tradicionais, detém este poder, em que, os indivíduos, através da simulação de situações vivenciais, conduz-se o menino a uma compreensão prévia do que o aguarda e mesmo fazendo com que assuma, perante seus pares, a responsabilidade de aceitar os desafios que advirão, depois de ser considerado já um ser humano adulto. Os povos primitivos, paradoxalmente, sem ter nenhum conhecimento científico sobre as produções hormonais e sinapses e muito mais sobre o funcionamento do encéfalo, sabiam, de uma forma misteriosa que, após determinada idade os anseios e as possibilidades de se alcançar ganhos em força de tração e musculatura iam diminuindo, restando um compromisso maior com a vida doméstica e interesses mais voltados para o entendimento, a compreensão e a síntese da existência.

Inclusive, o espírito beligerante vai sendo reduzido drasticamente, fazendo com que cada indivíduo se comporte dentro dos princípios ordenados pela sociedade na qual está

inserido e pelo *Nomós*. Esta é uma questão de interesse de todos, até mesmo porque o que está-se aqui a defender é um processo normal de desenvolvimento humano e não uma distorção que termina com a criação de um ser que não se identifica com nada do que é ou existe. As situações traumáticas que provocam deformação personológica não podem servir de parâmetro para se analisar os casos dos adolescentes, porque ainda que estas façam parte da essência humana, não tendo como evitar que não possam acontecer, o que é posto é que ninguém sai incólume delas e os danos são, além de irreversíveis, sempre são trazidos à superfície, com a finalidade de solicitar ajuda.

Geralmente, o adolescente não compreende isto e até mesmo ele passa a crer que seu comportamento seja produto do seu tempo, de sua natureza, razão e forma de ser, sem perceber que tudo o que joga para fora, na forma de conflito é um reflexo do acontece em seu mundo interior e com o qual não sabe conviver, nem administrar, podendo ser interpretado todo o seu aspecto de violência, desejos de beligerância e agressividade contra si e contra todos uma manifestação sintomática e não necessariamente a causa do que lhe afeta, diretamente.

Quando S. Ferenzi trouxe para a discussão clínica uma questão que definiu como uma *confusão de línguas* entre gerações, possivelmente nem imaginava que esta mesma condição inovadora no entendimento psicológico, afetava o indivíduo em sua própria existência interior e, mostra-se aí, uma possibilidade de entendimento que, no momento em que o cérebro humano cuida de promover a estruturação física do ser, se a este for exigido que se prontifique a construir sua estrutura psíquico-intelectual, está havendo aí, uma confusão de línguas na mesma proporção e o resultado não pode ser algo com que o adolescente possa suportar sem ter que pagar um preço muito elevado;

geralmente, este é a sua razão e como não tem forças para lutar contra muitos inimigos, porque é ainda fraco, mira nos seus pais, na expectativa de levá-los a sofrer, crendo que os está fazendo sentir a mesma dor que si mesmo.

Nesta situação, em particular tem-se, mais uma vez, um conflito de entendimentos sobre o papel de cada parte na formação da estrutura e identidade dos adolescentes, porque os pais estão adorando a ideia de que seus filhos sejam vistos como protagonistas de suas próprias vidas e destinos e, no entanto, isto é interpretado, subjetivamente, pelos filhos, como uma forma moderna e característica de abandono, o que os faz partirem para as condições de revolta e desespero, uma vez que não sabem a quem recorrer. Na outra ponta, tem-se os pais e cuidadores tentando encontrar respostas e explicações para o que é óbvio, mas sempre fugindo deste, porque ao compreendê-lo em sua síntese gnosiológica abre-se precedentes para que tenham que assumir responsabilidades.

No fim, o espelho no qual os adolescentes estão tentando encontrar uma imagem poderosa, tem mostrado nada mais que um borrão cinzento e embaçado, o que faz com que criem uma personalidade fundamentada naquilo que acreditam ser a melhor, construindo-a sobre extremos, seja em termos de liberalidade, seja até mesmo em termos de repressão.

Na concepção de Osório, esta fase da vida, que se preconizou chamar de adoelscencia, “é considerada crucial no desenvolvimento do indivíduo, pois marca a estruturação da personalidade.”⁷

É nesta fase da vida que todo o desejo de liberdade reprimido, filogeneticamente, se reverbera e transpõe as barreiras físicas naturais que fazem do ser humano uma

⁷ OSÓRIO, Luís Carlos. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1989, p. 73.

criatura incompreensível, porque como coloca Nietzsche, em eras muito distantes da atual, a besta foi enjaulada e assim permanece; mas, isto não quer dizer que tenha sido amansada ao longo de todo este tempo. Podem ter sido domesticado alguns instintos e muito mais, aprendeu-se a disfarçá-los e como Freud argumenta, aprendeu a sublimá-los e esta condição vai sendo imposta a todos os humanos desde que vem ao mundo. Estranhamente, existe um estágio no desenvolvimento filogênico e ontogênico humano em que tudo isto se torna acinzentado, gerando os conflitos exteriores que, nada mais são que a expressão catexial dos conflitos que estão a ocorrer no interior do espírito individual.

Se tomado sob uma vertente de pensamento mais biológico, a rebeldia que o indivíduo adolescente apresenta é, especialmente, em relação ao desenvolvimento intelectual que deverá assumir para si, como a tarefa de, não apenas reproduzir a si mesmo, como a de construir a identidade e a personalidade deste ser desconhecido junto a um alguém que, da mesma forma, desconhece. Até aqui, está-se a abordar o aspecto subjetivo da existência e se tomar toda a conjuntura social, que implica na administração da vida de maneira autônoma e ainda se comprometer a envolver-se na gestão da Coisa Pública, como forma de manter viva a Pólis e seus preceitos, tradições e necessidades prementes de inovação, assim como promover cuidados e bem-estar para os cidadãos, tem-se uma figura assustada com tudo o que se espera dele como um adulto. Assim que, natural que mostre resistências...

Estranho que a *Physis* não espera que o indivíduo amadureça tanto para começar a cobrar-lhe tais coisas e a vida em sociedade já não oferece, a ninguém, muito espaço para dúvidas se vai ou não interessar-se pelas batalhas que são postas; sendo assim, uma maneira de se afastar disto é demonstrando pouco ou nenhum interesse, o que termina

sendo visto pelos adultos como uma forma de rebeldia, mais precisamente, um ato delinquencial juvenil.

As visões de mundo postas pelos adultos com a finalidade de interpretar o comportamento dos adolescentes produzem um dilema, porque parece que se esquecem, deliberadamente, de analisar suas próprias condições de vida e como se manifestaram seus estados de espíritos, mesmo que tenham sido reprimidos pela cultura ou por seu tempo e muito mais pelas doutrinas que eram ensinadas e vivenciadas por todos, seguindo-as à risca, como se fossem regras canônicas.

A forma mais eficiente de se poder auxiliar aos adolescentes, em suas fases naturais de desenvolvimento gnosiológico e personológico é compreendendo os aspectos destas etapas, o que elas implicam de fato na existência humana e como se pode trabalhar para que não provoquem distúrbios emocionais de todas as ordens nestes, o que geralmente resulta em transtornos psíquicos, alimentares e estados de alienação bastante complexos que não permitem um enfrentamento direto sem consequências e sequelas, às vezes, muito maiores do que se tivesse deixado que tudo fluísse de maneira mais serena, sem intervenções alopradas e medidas esdrúxulas.

Um fator que tem se mostrado pesado para todos é a questão da evolução tecnológica que vem acontecendo em nível de pesquisa e produção industrial e, por causa de uma gama considerável da população ter acesso a tudo isto, está-se acreditando no conto do vigário de que a mente, o pensamento e o intelecto humano, de forma geral, tem acompanhado tais processos de avanços, tornando-se, na mesma medida, tão evoluídas quanto as máquinas que obedecem a comandos simplórios. Aqui há um paradoxo, porque a mesma criatura que aciona, por controle remoto, uma peça complexa necessita executar uma ação muito

mais complexa que isto para realizar uma tarefa que pode ser considerada, relativamente simples, que é a de pensar a ação. Como as crianças desta geração já nasceram com acesso tais ferramentas, aprendem com maior facilidade, uma vez que já sofrem estímulos e a oportunidade de manuseá-las a todo instante; mas, isto não faz delas gênios; muito menos as fazem deixar de ser humanos normais que necessitam de apoio psicopedagógico dos seus pais e dos cuidadores, além de afeto, proteção de toda espécie e mais, compreensão e auxílio nos momentos mais difíceis de suas respectivas existências.

Por mais que vivam em um mundo que, sob todos os aspectos se mostra mais rico que aquele que as gerações precedentes viveram, isto não os tornam mais sábios ou mais poderosos diante dos males que são postos sobre eles todos os dias, estes para os quais não se encontram preparados, sob nenhum aspecto.

Quando se afirma tal coisa, não se trata de uma visão reducionista da condição intelectual do adolescente, em específico, mas algo que pertence à espécie *Sapiens* e tudo o que se pretenda dizer em contrário cai no mais vasto vazio, porque a construção integral do novo ser passa pelo entendimento daquilo que outros passaram, fizeram, não fizeram e as tentativas de compreender cada ação, em particular, boa ou ruim. A negação de tais oportunidades de análises aos adolescentes cria a distância negativa dos problemas que deveriam ter potencialidade de compreender que, ao menos, devem evitá-las.

Tudo isto posto, tem-se que a adolescência, como tal, configura-se também como uma etapa de imaturidade em busca da maturidade, ou como já abordado acima, um momento em que a natureza e a sociedade cobra aos seres humanos que se assumam como adultos, como seres que devem ocupar o espaço da autonomia, criando, com isto,

seus próprios conceitos e valores; ou seja, não é só um momento de desenvolvimento corporal do indivíduo, como também é marcado por inúmeras mudanças cognitivas que influenciam no desenvolvimento integral da personalidade do adolescente.

O conceito de adolescência, conforme se preconiza na atualidade é uma invenção própria ligada ao processo de desenvolvimento da sociedade industrial, ligado às leis trabalhistas e ao sistema educacional que torna o jovem dependente dos pais por um tempo muito mais longo. Como argumenta P. Ariès, a especificidade da adolescência foi reconhecida e emergiu com a escolarização, que supõe a separação entre seres adultos e seres em formação, com a família burguesa que separa o espaço familiar do exterior e com a progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. Esse processo que se iniciou nas classes sociais mais abastadas estendeu-se para toda a sociedade e se impôs como um modelo que atingiu toda a organização social.⁸

A escolarização cria categorias definidas de idades entre os indivíduos e o que cada qual *pode* aprender em determinada fase da vida acadêmica. Ainda que se possa estar fundamentada em estudos, existe uma condição de determinismo nestas condições que conduzem a limitar os humanos que são conduzidos às escolas a uma percepção de si mesmos que contrasta com o que se apresenta de potencialidade para o desempenho da aprendizagem.

Muitos irão afirmar que na fase da adolescência os garotos e garotas aprendem coisas que *não prestam*. Mas, eis a questão que se impõe: a própria natureza determina que os seres vivos conheçam as condições mínimas que

⁸ ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

são necessárias para a perpetuação da espécie, o que preconiza um conhecimento *in eroticis* e paralelamente, uma disciplinarização destes saberes, a fim de que possam fazer uso correto de seus corpos e não sejam condenados a traumas e nem a abusos sexuais por parte de adultos sem escrúpulos.

Posto como se tais conhecimentos, que se mostram como um direito inalienável do ser humano, fossem coisas que são inúteis aos adolescentes, termina por soar como um conceito por demais pejorativo. Há que esclarecer que tais informações se vinculam ao conhecimento de si mesmo e especialmente quanto ao funcionamento do corpo e das zonas erógenas. Quando se nega a eles a oportunidade de conhecerem a si e aos seus corpos é que se termina por criar confusões e conflitos desnecessários que, na maioria das vezes, termina em tragédias, não importando em que direção se preconize a evolução da economia psíquica do indivíduo adolescente.

Entender a adolescência como um momento de transição psicofisiológica não é conceder àqueles que, por ela atravessa, a liberdade para agirem sem qualquer tipo de medida e de cuidados de todas as ordens. É nesta fase que se começa a atração afetiva para o sexo oposto, não sendo necessariamente de ordem genésica, antes uma condição de transferência, natural, do Complexo de Édipo em direção a um objeto de amor que pode ser amado em toda sua plenitude, quando chegado o momento adequado. Este é um dispositivo da *Physis* para que se evitem as relações consanguíneas e mais propriamente, o incesto.

O que ocorre é que o processo de maturação psicológica e fisiológica humana é tardio demais, quando comparado com todas as espécies vivas e isto foi agravado, muito negativamente, com o processo de civilização, aonde cada vez mais as crianças vão se tornando inaptas à

sobrevivência sem o apoio de adultos que as protejam, até mesmo de outros adultos da própria espécie, que se auto denominou *sapiens sapiens* [*aquele que tem consciência de que sabe, ou, por analogia, que possui sabedoria*].

O adolescente já é massacrado por suas próprias inconsistências, as quais não sabe dizer do que se trata, nem ao menos descrevê-las e mesmo que tenha vontade de sabê-las e ainda existe a questão de que ninguém os explica como as coisas, de fato, acontecem, até mesmo pelo fato de serem tão ou mais ignorantes que eles sobre os fenômenos e isto tudo reunido leva ao que se preconizou chamar de *Crise da Adolescência* que, por analogia e extensão, permite deduzir que os humanos, nesta respectiva fase de sua existência, é um ser em crise.

Tomando a teoria de Freud, de que a adolescência seria uma nova existência biológica sobre uma outra, já pré-existente, isto contribuiria para explicar a situação de conflito e de incompreensão sobre quem se é ou o que se é, de fato. O que se preconizou chamar de mudanças, não o é em essência, sendo apenas repetições de fases anteriores, pelo movimento fenomenológico ontogenético que marca, de forma categorizada, o gênero humano.

A Psicologia, uma vez que tenha sido reconhecida como ciência, bem que tenta apoderar-se da adolescência e esclarecer os pontos obscuros; no entanto, fracassa, ao tentar colocar de lado, a questão biológica que determina toda a existência humana, destacando este período como o mais complexo para se tecer algum tipo de conhecimento objetivo, porque produz um conflito antropológico, uma vez que, em estado primitivo, com a idade de quinze anos, os humanos já estariam em condições de viverem isolados de seus pares e contando com suas próprias forças para sobreviver, superando desafios titânicos para suas parcas

forças físicas, tendo que recorrer a estratégias brutais de sobrevivência.

Mesmo que a maioria dos teóricos tente abster de tratar a existência humana, em especial a fase adolescente sob o prisma da conceptualização da Biologia, isto não elimina esta condição e termina que, até os documentos oficiais, onde ela é definida, de modo categórico, trazem em sua fundamentação uma descrição do aspecto biológico, determinando seu início e fim.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, sob a Lei N°.8.069/90, circunscreve a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade.⁹ Em plena conformidade com este documento brasileiro, o Congresso de Colômbia [*realizado no ano de 2006*] reza, em seu artigo 3º que, entende-se, por adolescente as pessoas entre 12 e 18 anos de idade.¹⁰ Por sua vez, a Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita a adolescência como a segunda década de vida (dos 10 aos 19 anos de idade) e a juventude como o período que vai dos 15 anos aos 24 anos. O Ministério da Saúde toma por base a definição da OMS, definindo a adolescência entre 10 e 24 anos.

Todas as argumentações que se apresentam sobre o início e o término da adolescência estão vinculados a fundamentos de ordem desenvolvimental biológica, em que se destaca a idade de 12 anos para determinar seu começo, vincula-se ao sexo feminino, em que, via de regra ocorre a menarca e/ou o interesse/atração afetiva pelo sexo oposto e ao se determinar a idade de 18 anos, está-se vinculando o seu fim ao processo de amadurecimento gonadotrófico do sexo masculino. E, quando se traz uma nova abordagem

⁹ BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº. 8096/90. Brasília. Centro Gráfico do Senado Federal, 2005.

¹⁰ COLÔMBIA. LEY Nº. 1098. 'Por la cual se expide el código de la infancia y la adolescencia'. In: *Congreso de Colombia*, 08 de Noviembre de 2006.

para inseri-la como um fenômeno que se manifesta já aos 10 anos de idade, tem-se mais uma vez ocorrências [*não tão isoladas mais*] de menstruação precoce, provocada, possivelmente, pelas mudanças nos hábitos alimentares e hábitos de vida cada vez mais sedentários, o que possibilita a concentração anormal de tecido adiposo [*gordura*], criando condições artificiais para que o cérebro venha a entender que já existe possibilidade de transformação na capacidade morfológica da sexualidade humana. E, ao se estendê-la até os 24 anos de idade, tem-se assim, a determinação da maturidade cerebral humana como o fim de uma etapa de indefinição personológica para uma nova identificação, em que se consolidada a estrutura da personalidade do ser humano.

Excepcionalmente, quando se tem o acontecimento da Revolução Industrial e a consolidação da Sociologia, com suas propostas de lazer para todos, de maneira indistinta, é que se tem a oportunidade de perceber que existia um momento na existência humana que diferenciava das outras etapas da vida e era de tal forma que desafiava toda a lógica posta até aquele momento. Natural que a medicina se aprimorasse deste estado de desenvolvimento humano, porque passou-se a ter que aplicar a técnica para curar os corpos dos indivíduos e é aí que se pode dar a conhecer as nuances pertinentes a cada etapa em particular e acerca de seus preceitos de singularidades.

Por décadas, tratou-se da adolescência sob o viés da corporalidade e suas mais simples manifestações orgânicas, sem proporcionar, com isto, quaisquer respostas plausíveis que pudessem esclarecer os comportamentos excessivos dos humanos nesta fase da vida e, somente após a segunda metade do Século XX, com a expansão e a regulamentação da Psicologia como uma ciência que esta toma esta fase da vida humana como seu objeto de estudos, compreendendo

que este possui uma psicologia própria que necessita ser explorada, analisada, interpretada, compreendida, a fim de se elaborar as sínteses que se mostram necessárias.

O estudo sistemático sobre a adolescência é um imperativo, partindo da concepção de que necessita-se de entendimentos mais profundos sobre como funciona o pensamento humano neste exato momento da existência, em seus aspectos coletivos e individuais. Tudo nesta fase se mostra confuso, porque é como se ela fosse um período que não poderia existir ou que não foi programado para tal, o que soa complexo, porque passado este instante que dura alguns poucos anos em relação a toda a expectativa de vida humana, como um interstício de vida, parece haver uma calma espiritual e, aparentemente, as coisas se acertam; mas, está-se posto, mais uma vez diante de um paradoxo, porque se algum acontecimento traumático interrompe o desenvolvimento linear da evolução ontogenética esta ocorrência atrapalha a condição de vida ideal no futuro que aguarda o ser.

Surge, então, a questão: O que esta fase da vida, a adolescência, de fato representa para o gênero humano? Não é algo [*ou alguma coisa*] que possa ser eliminado, à *fórceps*, da existência, porque haveria um preço bastante elevado a se pagar. Existe alguma cultura na qual ela não exista, ou que seja ignorada quanto aos seus excessos?

Este último questionamento é o que se apresenta como o mais profundo e complexo, porque como parte do desenvolvimento psicofísico humano, está inserida no rol da revivescência filogenética e sua característica demonstra, ainda, uma condição singular de revivescência ontogenética, também.

Em todas as culturas conhecidas e relatadas existe a condição da adolescência e em nenhuma delas se permite desmesuras, mesmo naquelas onde a liberdade auferida

aos indivíduos nesta idade é bastante elástica, quando em comparação com a cultura clássica tradicional; ainda assim, os limites são rigorosos quanto a escândalos e os pais são zelosos por seus nomes e sua postura ante à sociedade, sendo o castigo, em algumas culturas, para quem lance nome da família na lama, a condição do suicídio o que, para uma comunidade considerada primitiva, um castigo muito mais severo que aquela que era imposta pela doutrina Cristã-Católica herdeira dos valores do costume judaico e com direcionamentos e ordenamentos patriarcais.

P. Ariès argumenta que fora por volta da década de 1890 [Século XIX] quando começou a se firmar o interesse pela adolescência, que ela vem a se tornar tema literário e preocupação de moralistas e políticos. Gradualmente, a adolescência como uma fase da vida vai se consolidando e se transforma em fenômeno universal, com repercussões pessoais e sociais inquestionáveis.¹¹ A adolescência passa a ser caracterizada, a partir deste momento, como um emaranhado de fatores de ordem individual, por estar associada à maturidade biológica, e de ordem histórica e social, por estar relacionada às condições específicas da cultura na qual o adolescente está inserido. Na sociedade moderna, com suas mais amplas condições materiais e simbólicas específicas, a criança, o adolescente e o jovem adquiriram um *status* de dependentes, não responsáveis jurídica, política e emocionalmente¹², o que amplia, ainda mais os conflitos internos e externos.

Desde que a Antropologia se assume como uma ciência independente, se firmando, como tal, a partir de suas observações de campo e descrições de comportamentos

¹¹ ARIÈS, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*. São Paulo: LTC, 1980.

¹² SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas, 22(1). Janeiro – março, 2005, p. 37.

humanos, natural que se utilizasse do mesmo método de *observação-participante*, criado e aplicado por B. Malinowski sobre os povos nativos das Ilhas Trobriand, no Pacífico Sul, para descrever e interpretar as condições de vida e de vivências dos adolescentes das cidades urbanizadas.

Com a evolução do conhecimento médico, torna-se possível verificar que havia produção de determinados hormônios que se iniciavam por esta idade e assim, esta fase da vida vai sendo absorvida pelo interesse de outros grupos científicos, uma literatura profissional começa a ser elaborada e produzida, mesmo que com tímido avanço no sentido de explicar, de modo transparente, o que significava este momento histórico-social do indivíduo que era muito mais entendido como um estorvo do que como uma fase a qual se devia o mérito de apreciação técnica.

Não é pelo fato de que exista um pouco mais de produções científico-literárias sobre a adolescência e seus transtornos e mesmo legislações que os protejam de males externos que se pode considerá-la como sendo a menina dos olhos dos humanos. A produção científico-literária sobre esta fase da existência humana é, relativamente, pequena e se depara com uma gama de autores que, no máximo, vivem repetindo o pensamento de outros, sem acrescentar muita coisa de interessante e de relevância.

Existe, ainda, a tentação de imaginar e popularizar a ideia de que a adolescência é uma construção burguesa e sua aceitação como parte essencial da existência humana um subproduto da escolarização universalizada, em que cria a condição ideal para divulgar e tornar esta ideologia aceita por todos. No entanto, não é tão simplório assim tal proposta e o fato de ser, largamente ignorada pela comunidade científica e tão perseguida pela sociedade, em todos os aspectos imagináveis, como aliciamento para diversões de todas as ordens e trabalhos escusos, demonstra que detém

um potencial *sui generis* que somente indivíduos míopes não enxergam ou faz de conta que tudo não passa de vaidade e produto da sociedade capitalista.

Agregado a isto, está a questão de que não se tem a preocupação em descrever a *adolescência normal*, apenas os comportamentos patológicos que nela ocorrem e que colocam a sociedade sob condição de escândalo e horror. Tem-se, assim, a impressão de que, quando todo o modelo de atuação destes na vida não compromete a ordem cósmica, não são notados e suas posturas deixam de ser dignas de análises pela comunidade científica, o que torna o estudo da adolescência ainda mais complexo, uma vez que deixa aos estudiosos sem um parâmetro confiável de síntese, dado que a postura ideal de vivência passa a ser a que é referenciada pelo senso comum, guiada pelo desejo subjetivo dos pais, tutores e demais cuidadores moralistas.

Muitos cientistas sociais e psicólogos descrevem a adolescência e o comportamento dos jovens tendo como fundamentos seus próprios históricos de vida e o que sentiram e mesmo que realizem pesquisas de campo em busca de compreensões mais profundas, as perguntas são dirigidas com a finalidade de provar o que já tem como noção antecipada daquilo que acreditam como verdade absoluta. Isto produz manuais baseados em experiências individuais, extremas, que terminam sendo generalizadas sob o preceito de serem acontecimentos universalizados e comuns a todos, indistintamente, em todos os espaços e respectivos tempos, não considerando a condição estrutural filogenética do gênero *humano*.

O ser humano, desde sempre, é uma figura que necessita de ser conduzido por alguém mais experiente até que alcance o ponto de maturidade em que possa seguir tomando suas decisões por si só, compreendendo-se como um ser holístico do mundo e no mundo. Isto não é uma

tarefa que possa ser realizada sem um elevado grau de amadurecimento intelectual tal que ultrapassa o nível de conhecimento da condição de ser pensante, porque se o simples fato de ser capaz de pensar de modo abstrato garantisse segurança e ética nas ações deliberadas, muito possivelmente, a fase adolescente terminasse sendo abolida da existência humana.

Assim expresso, esta etapa existencial serve como uma baliza, um espelho natural no qual cada indivíduo pode observar-se a si próprio e emitir os seus juízos de valor para a ampla condução de sua estrutura personológica e, da compreensão alcançada, a partir desta auto reflexão, educar a geração que o sucederá na vida e que a ele cabe como responsabilidade ética e civil.

O fato de o período da adolescência se situar entre dois extremos existenciais e com interesses distintos, sendo a infância objeto de infindados estudos e a idade adulta, um modelo a ser seguido, em que se define a condição de sucesso e/ou de fracasso de alguém, a etapa adolescente põe-se como objeto pacífico de entendimento como um elo que se mostra capaz de ligar ninguém a coisa alguma, mantendo um vazio incompreendido até mesmo pelo próprio indivíduo. Sendo assim, o que a caracteriza, de modo factual?

Na concepção estruturalista de Aberastury & Knobel, a adolescência se inicia com a vivência de três lutos fundamentais: 'o luto da perda do corpo infantil; o luto da perda dos pais da infância e o luto pelo papel e identidades infantis. Estes lutos servem de base para o caráter instável da personalidade adolescente, denominada tal situação como *síndrome da adolescência normal*.¹³

¹³ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício; *et all.* *Adolescência Normal*. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1985.

O que não é possível compreender, pela razão mais simples, é porque a adolescência tem sempre que ser tratada sob uma óptica de desrazão, de patologia, marcada por uma ideia de distorção entre o que é belo e o que é invejado e aquilo que é pretendido como idealizado, destacando a infância para o primeiro pensamento e a maturidade, para o segundo. Mesmo quando se está a fazer referência a um estado de normalidade na sua evolução, esconde-se uma noção de intranquilidade que abala o espírito humano, como se isto fosse um preceito dado como infactível pela natureza que ousou colocar uma forma indelével de [des]equilíbrio na evolução do gênero humano e, como ninguém ousa questionar isto, passa-se a tomar como verdade, porque o parâmetro de valor adotado é algo idealizado para uma sociedade que está muito distante de sua realização, ou seja, o *métron* adotado é tão somente um desejo latente e que nem mesmo na literatura conseguiu evoluir para a condição de desejo manifesto.

O que os autores, supracitados, procuram expressar com o vocábulo *síndrome*, não se vincula, diretamente, ao entendimento de existência e/ou de constância de uma patologia; mas, atina para o fato de que vários elementos se vinculam para formar um pensamento complexo que se expressa em diversos formatos, cada qual assumindo uma postura tal e qual que vai ser manifesta de acordo com a personalidade individual de cada um e esta só pode ser compreendida quando se agrega o conhecimento sobre a psicologia do ambiente e do grupo ao qual o indivíduo analisado participa.

Mesmo o adolescente mais obediente e que segue os princípios e rigores da cultura, da tradição e da sua família, este não se encontra imune a ser acometido por sentimentos de raiva, ira, ódio, sadismo e mesmo a ter um objeto declarado e/ou velado de amor e ódio. Quando os

ideólogos descobriram esta condição, *sui generis*, da fase de adolescência, prepararam o terreno para desviar todo este ódio introspectivo em direção ao Estado, ao Sistema e ao *Stablishment*, formando os guerreiros da resistência e não encontraram dificuldades nisto, bastando que igualasse seus respectivos objetos de amor e ódio a si mesmos, transformando-os em eunucos e assim, o exercício de conversão se concretiza de forma rápida e eficiente.

Se a fase da adolescência é marcada por todas estas situações de desafio e de incertezas, natural que seja dado condições para que seja expressa sem emissão de juízos de valor negativo sobre os mesmos, porque a formação do caráter está vinculada tanto às experiências que foram vividas quanto aquelas que foram negadas e sempre com a dúvida se estas últimas possam pesar mais que as primeiras, na construção da estrutura personológica. Deixar os adolescentes entregues a si mesmos, sob o discurso de que são protagonistas de suas próprias histórias de vida; que devem aprender os caminhos a seguir por sua própria determinação é o mesmo que condená-los ao abandono e a todos os transtornos psicológicos que isto acarreta, de modo direto e indireto.

Ter conflitos e ser perturbado por eles é situação comum ao ser humano, ao longo de toda a sua existência. No caso do adolescente, isto se torna um transtorno inquietante, com o qual não sabe lidar, porque teme perder o amor de seus pais, sendo abandonado por eles à sua própria sorte ou azar, o que significaria uma sentença de morte ou quase isto, levando-o a buscar proteção junto a pessoas nas quais não confia e que sabe muito bem que não irá terminar da melhor forma possível, podendo ser vítima de humilhações, abusos e outros tipos de violência psicológica e/ou física.

A adolescência normal é construída a partir do carinho, do afeto, do cuidado e do apoio incondicional dos pais e responsáveis com relação à etapa desenvolvimental de vida e transformação gnosiológica humana, ou seja, o meio externo exerce imensa influência na condição de humano que este virá a ser, no futuro e tudo o que acarreta como componente de uma sociedade civilizada. Quando este processo se concretiza sem traumas e desordens, tem-se um adulto seguro de si, autônomo, centrado em suas funções sociais e com tendência a ser bom pai, boa mãe.

O papel que cabe aos adultos é possibilitar que os adolescentes atravessem esta fase sem que os conflitos que os acompanham sejam causas de neuroses e traumas, muitas vezes, por realizarem ações que não condizem com a capacidade de compreensão que possuem das coisas da vida. Mesmo que pareçam ser autoconfiantes e poderosos, temem a tudo e terminam se entregando a aventuras descabidas e que parecem ser empolgantes pela tensão e pelo medo, divididos entre o desejo e o medo de ir além do que são capazes de suportar, porque desconhecido para eles. E, é neste ponto de inflexão que aqueles com a responsabilidade de protegê-los devem atuar, orientando e, por vezes, chegando mesmo a determinar os próximos passos em suas vidas.

Por não compreenderem a situação vivencial que se está à frente e à volta de seus mundos sentem, na maioria das vezes como que abandonados por seus protetores e isto os leva a praticar atos que mais podem ser entendidos como sendo atitudes de rebeldia insana e desmedida, não necessariamente uma ação deliberada em que tomaram a decisão por se crerem independentes e autônomos. Mais tarde, advém a pergunta, sobre o porquê fizeram tal e qual coisa...? E, não obtém respostas, porque esta seria a aceitação de uma atitude de vingança contra alguém muito

querido e não compreendido. Eis outra situação de conflito que pode advir da postura intrépida de uma adolescência mal vivenciada e mal conduzida. Pode-se pensar que esta fase é definida pelos desafios que coloca a todos, mas que quem assume o preço e a responsabilidade é o próprio adolescente.

Já na concepção de Abramo, que “o que define a adolescência e a juventude é a transitoriedade. Ser menor, não adulto, define uma condição social e psicológica e torna as gerações interdependentes e hierarquizadas. Mesmo que haja [*de modo accidental*] uma pluralidade de infâncias, adolescências e juventudes em função das diferenças concretas das condições de vida existentes na sociedade, a criança e o jovem são tutelados pelo adulto, já que são desiguais a eles.”¹⁴

A pergunta que se pode dirigir neste ponto é, estado transitório para quem? Porque é para o próprio ser que será adulto, não havendo cisão definida em sua cabeça sobre sua condição de insegurança, incerteza, timidez, desejos estranhos, conflitos, serem passageiros ou não, até mesmo porque não dá para fazer uma leitura do que não se viveu e nem do que pode presenciar no outro e este é o caso específico da fase adolescente.

Tornam-se ridículas todas estas conjecturações e interpretações que, em seus espaços mais íntimos tentam fazer com que a estrutura social elaborada pela *Physis* seja destruída por algo que se situa à margem do *Nomós*, o que termina por produzir uma geração anômica, que toma todos os valores como modelos de opressão, portanto, objeto de desprezo e assim o fazem, sem nenhum tipo de reflexão

¹⁴ ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994.

sobre o porquê de estarem a fazer tal tipo de coisa e o que os têm levado a este caminho.

A adolescência se torna, sob tais interpretações, objeto de manipulação obsessiva, com resultados drásticos para o futuro da nação, uma vez que os seus futuros líderes passam a ser indivíduos mimados, acostumados a não obedecer a ordens e a seguir preceitos. Os conflitos que devem compor o período da fase adolescente deixam de existir; portanto, ausentes tais enfrentamentos, uma vez na idade adulta, não há sobre o quê refletir, sobre o quê discutir e aproximar-se de conclusões, fazendo os contrapontos e entendimentos, até que se possa dizer o *quanto* cada parte envolvida estava certa ou errada em seu juízo e ação.

Esta condição amórfica de construção, supostamente intelectual e gnosiológica da adolescência é o que se pode classificar como a maior aberração já produzida na história da humanidade e, para espanto geral, há quem a defenda, sob a alegação de que se trata de um momento histórico em que os jovens já se assumem como protagonistas de suas histórias de vida, superando todo o tipo de opressão e doutrina patriarcal que envenena a sociedade. Um discurso vazio e sem nexos causal com a caracterização filogenética da espécie, mas que, interessa a alguns como modelo de vida para projetos esdrúxulos e autoritários, uma vez que estes supostos pensadores não conseguiram amadurecer o suficiente para compreender, de modo mínimo, alguns dos processos de desenvolvimento epistemológico que envolve a espécie em questão e buscar soluções para problemas que, realmente, desafiam a inteligência humana.

Educados sob este regime de ideologias vazias, do tipo que mal consegue levar ninguém a lugar algum, o que sobra para o futuro são indivíduos sem identidade parental, sem objetivos de longo prazo, sem comprometimento com os problemas sociais e existenciais, construindo pontes que

os ligam a outros tão ou mais perdidos que eles próprios. Os ídolos que encontram para seguir são seres que lutam contra uma ideia abstrata e não por um ideal concreto.

Isto é um tipo de conduta moral, em relação aos adolescentes, que preocupa muito, dado que é nesta fase da vida que há a autêntica consolidação da identidade e da personalidade, dependendo de ídolos fortes e com preceitos tradicionais que representem segurança para o futuro e não apenas uma forma de ser e de estar no mundo, presos à ideia de que deixam uma marca na luta contra tudo aquilo que irão se tornar e, caso esta identificação simbólica não ocorra, houve um erro terrível na educação e na construção espiritual do mesmo.

A questão da educação dos adolescentes vai muito além de criar espíritos críticos, como gostam de salientar aqueles que nada entendem sobre nada e muito menos ainda sobre esta fase da existência. O indivíduo humano, nesta fase da sua vida já é crítico, por natureza, não necessitando que se aprenda a ser, também, chato; há que compreender como buscar respostas, através de perguntas inteligentes e bem elaboradas, visando atingir o máximo de abrangência epistêmica nos conceitos aplicados, o que somente é possível de se conseguir, caso haja esforço, especialmente por parte daqueles indivíduos que estejam com a responsabilidade pelos mais jovens.

Acreditar que vai formar amizades e laços afetivos duradouros com adolescentes é uma ilusão, porque existe uma tendência para a volatilidade quanto ao que sentem e com relação a quem direcionam tal sentimento. Por isto, as construções devem ser pensadas a longo prazo, quando no futuro, já amadurecidos, possam alcançar o entendimento daquilo que fora proposto e como se aplicou à vida em si. De forma que, pensar toda a formação epistemológica e

gnosiológica do adolescente é uma tarefa desafiadora e que exige conhecimentos profundos e de amplo alcance.

Depreende-se, assim, que a etapa desenvolvimental humana da adolescência é característica não pelo conflito que sofre o adolescente como, também, pelo conflito que causa àqueles que deles tem a obrigação de cuidar, uma vez que encontram-se sem o devido amparo moral e científico (cognitivo e epistemológico) para saberem como conduzir-se durante os momentos de angústia e conflitos de valores e interesses entre as gerações.

SOBRE O AMADURECIMENTO BIOPSIOLÓGICO DO ADOLESCENTE

Todo vocábulo ou expressão traz em si uma carga de conceitos que já, de antemão, expressam as crenças e os pensamentos de quem as transcreve, sejam no escopo teórico, técnico, empírico e científico. Ao apresentar um título tratando de uma fase existencial humana em que o radical *bio* aparece precedendo o adjetivo determinante *psicológico*, isto já antevê aquilo que o autor acredita e defende como sendo fato. Faça-se esclarecer que no ser humano nada é de fácil compreensão, porque cada povo desenvolveu um tipo de cultura muito particular, adaptando-se a uma culinária, a uma forma alimentar especial, de acordo com aquilo de que dispunha em abundância e os mecanismos para cozinhá-los e temperá-los determinou características singulares de evolução biológica.

Este tem sido o erro mais brutal que se vê ocorrendo no meio acadêmico, em que, por estar concentrado em uma região onde, aparentemente, os problemas de oferta de alimentação estão resolvidos, toma-se todos os resultados de pesquisas, realizados neste nicho espacial, como uma forma abstrata de universalização capaz de determinar todo o escopo humano, sem considerar as nuances geográficas. A adolescência é um acontecimento universal; no entanto, como se manifesta e como é ou será compreendida vai depender de cada cultura, de modo particular, analisada sob intensa e rigorosa interpretação hermenêutica, considerando o máximo possível de variáveis dependentes.

A natureza humana é bastante complexa e por mais que se pretenda conhecer suas nuances em detalhes, tudo escapa ao controle e ao entendimento mais objetivo, sempre tendo que dirigir a ela um sentido subjetivo e nisto, corre-se

o risco de auferir valores a algo que não existe ou que se mostra com características muito particulares.

O ser humano é uma criatura que, a despeito de seu desenvolvimento bio-fisiológico continua com uma estrutura de pensamento ainda imatura até idade avançada e mesmo quando já amadurece seu sistema reprodutivo, seu cérebro ainda permanece em estágio de maturação, o que gera uma confusão bem grande, porque ao se analisar com muita acurácia, tem-se um ser adulto com um córtex ainda não-adulto, não em sua totalidade intelectual e, as leis sociais não consideram tal condição em seus estados de juízo, seja no âmbito legal, seja no âmbito do valor.

O adolescente é esta figura que mais se torna complexa quanto ao seu entendimento e compreensão, porque, aparentemente, já pode ser tratado como um ser formado, mas que, quando o interpreta em suas dimensões de integralidade, percebe-o como uma criança crescida, não desenvolvida em nenhum sentido gnosiológico. Não admira não ser compreendido por [*quase*] ninguém; na natureza é um híbrido, uma criatura estranha que não poderia existir, por representar uma terrível afronta aos princípios evolutivos padrões da *Physis*.

O ser humano é o membro pertencente ao reino animal que mais tardiamente amadurece, no que refere-se ao desenvolvimento cerebral e junto com ele, toda a sua estrutura cognitiva, intelectual e epistemológica. Porém, há um contraste de evolução, porque enquanto o cérebro prossegue, a passos lentos, em seu processo de maturação o corpo já apresenta sinais deste processo, criando uma falsa percepção de possibilidades de uso deste para fins reprodutivos.

Existe a ideia pré-concebida de que a manifestação da puberdade significa que o corpo do adolescente já encontra-se apto para a reprodução. Ledo engano. Ele

encontra-se desperto para tal ação [*ou a sua condição simetricamente harmônica de beleza e estética desperta olhares insidiosos sobre si, o que leva a interesses alheios neste sentido*], mas isto não significa prontidão para tal. E, outro problema que surgiu na Idade Contemporânea é a melhoria nas condições de nutrição, o que faz com que ainda na adolescência já haja produção gonadotrófica suficiente para permitir levar adiante os mecanismos de ovulação, produção espermática viável, culminando em paternidades inesperadas e indesejáveis.

Via de regra, estas situações não são aleatórias e, em sua maior parte, buscam uma compensação por algo que, filogeneticamente, faz parte da existência humana. Isto parece ao estudioso despreparado algo impossível de ser compreendido, porque como não conhece a afetividade oriunda da figura paterna, como poderia desejá-la? No entanto, como argumenta Nietzsche o caráter humano é, também, determinado pelas experiências não vividas e aí está-se diante de um novo paradoxo, este bem mais profundo, porque o comportamento apresentado demonstra um desejo íntimo por algo que desconhece de fato, não podendo dizer que sente inveja de quem o recebe, porque como jamais o sentiu, não tem como determinar o que seja ou como reflete sobre sua estrutura intelectual.

E, é por não conhecer a dimensão saudável e completa de uma relação afetiva entre um adulto e um adolescente como uma forma ampla de carinho e proteção, pautadas dentro de preceitos de responsabilidade social que, simplesmente inveja a companhia de um adulto do sexo oposto que o seu rival imaginário possui e, desta forma, termina buscando a companhia do primeiro ser humano adulto que se aproxima, terminando como um objeto de uso e abuso deste, sem ter a mínima ideia de que

é assim que esteja funcionando, uma vez que criou a ilusão fantástica de que é amada por este tipo.

Quando isto não ocorre, este adolescente vazio de sentimentos e sem ter a dimensão do amor protetor de um adulto e, sem condições de criar laços afetivos com alguém, passa a amar a si mesmo, o que convencionalmente se preconizou classificar como narcisismo; mas, trata-se de uma situação complexa e que exige atenção na sua análise e interpretação, porque está amando a sua própria pessoa e não a sua imagem. O fato de cuidar desta em demasia e modificá-la constantemente, apenas denota que se está buscando um padrão ideal, uma configuração daquilo que imagina ser, não do que é ou do que deseja ser, de fato.

A procura por um par ideal, geralmente, mais maduro intelectualmente e, via de regra, mais velho, é em situação de que não se sente seguro o suficiente para enfrentar as armadilhas postas pela existência e que, desafiam a sua condição. Este é um aspecto ontogenético, dado que a adolescência é uma fase humana em que se repete toda a condição infantil de sentimento de impotência, tanto física quanto intelectual. Acontece muito, nesta específica fase desenvolvimental, ocorrer o que Ferenczi¹⁵ classificou como *confusão de línguas*, em que o indivíduo deseja um par ideal, não um parceiro [sexual] ou mesmo ter qualquer tipo de contato afetivo-genésico com este amigo mais maduro que conquista. Esta amizade vai ser mais fácil de ser compreendida sob a óptica da *Zona de Desenvolvimento Proximal*, de L. S. Vygotsky, em que se tem necessidade de

¹⁵ FERENCZI, S. (1932). *Confusão de línguas entre adultos e a criança* (a linguagem da ternura e a linguagem da paixão [sexual]). Trabajo leído delante del Congreso Psicoanalítico Internacional, Wiesbaden, el septiembre de 1932. El título original del trabajo como fue enunciado, era *Las pasiones/sexuales/de los adultos y su influencia sobre el desarrollo del carácter y el desarrollo sexual de las crianzas*. In: MASSON, J. M. (1984) *Atentado à Verdade: A Supressão da Teoria da Sedução Por Freud*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio S.A.

superar seus amigos de mesma idade cronológica e, para tanto, necessita aprender coisas [e *compreender outras*] que estão além de si e dos outros com os quais compartilha amizade e convivência.

H. Deutsch¹⁶ revela que o indivíduo, na adolescência, tem sua atenção focada na sua estética, preocupando-se com aspectos de beleza e vaidade. Muito fácil de comprovar esta argumentação, através das falas em que, geralmente, as meninas tendem a rivalizar com a mãe em beleza. Ressaltam que estas as invejam; que estão muito mais bonitas que suas mães e tudo isto deve ser tratado com seguridade emocional pela pessoa que cuida destas jovens, dado que este é um processo que faz parte do aspecto psicológico de todo ser humano em desenvolvimento. Esta rivalidade é um inimigo fantasma que cria, a fim de superá-lo e assim sentir-se poderoso, escondendo e/ou disfarçando seu complexo de inferioridade, sentimento muito comum nesta fase da vida.

A sexualidade do adolescente, por ser ainda não desenvolvida, não aparece em primeiro plano. A autora, supracitada, explica que se pode observar esta situação através das roupas que usam, em que são desbotadas ou rasgadas, coisa que a moda estilística tomou para si e que passou a fazer parte de sentimentos de resistência contra o sistema, mas que, em sua originalidade, nada tem a ver com isto em específico, expressando uma condição natural de desenvolvimento psicofísico ainda incompleto. Mesmo que estas roupas estejam a realçar suas curvas, isto ainda se trata de mostrar a beleza estética, realçando questões de vaidade corporal, não uma expressão da sexualidade.

¹⁶ DEUTSCH, H. (1974). *Problemas Psicológicos da Adolescência: Com Ênfase Especial na Formação de Grupos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. [Obra publicada, originalmente, em 1967].

Nisto, tem-se que esta mostra de dotes de beleza estética, termina sendo interpretada pelos adultos como de natureza puramente sexual, o que leva aos ataques e relações íntimas muito precoces, dando a entender que já há desejo neste sentido por parte dos adolescentes. Esta é apenas uma violência a mais que se tem cometido contra estes desde muito tempo, em que, quando sobrestava o imperativo da lei, obrigando a que as mulheres se casassem muito cedo, não se preocupavam com esta questão do desenvolvimento psicosssexual, bastando que se mostrasse apta para a reprodução. Com os estudos de Freud, este viés de entendimento e estudos sobre a maturidade psicológica da sexualidade humana passa a ser de interesse, também, da comunidade médico-científica e, assim, se compreende a necessidade de elaborar uma condição de educação sexual, a fim de se evitar transtornos desnecessários. No entanto, Aristóteles de Estagira já argumentava que meninas que começam atividade sexual de maneira precoce, manifestam [*mais tarde*] transtornos [*psicológicos*] comportamentais e de conduta, tornando-se mesmo delinquentes.¹⁷

Aristóteles (384-322a.n.e.) defendia que as mulheres deveriam engravidar após os 18 anos de idade e esta sua argumentação se fundamenta sobre análises de mortes de mulheres jovens, por ocasião do momento do parto e isto já representava casos observados muitos anos antes de sua divulgação. Sigmund Freud foi mais além, alegando que o ideal, para os seres humanos, seria que os comesçassem sua vida sexual após os 18 anos de idade, formando casais monogâmicos. Existe um consenso entre estes dois gênios de que a maturação corporal nesta idade está em vias de consonância com a cerebral. O professor G. Stanley Hall

¹⁷ A este respeito, vide ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Escala, 2007.

coloca a maturidade cerebral humana por volta dos 24 a 25 anos de idade.

Os três pensadores, supra apresentados, versam sobre o desenvolvimento físico humano, trabalhando sobre uma temática em que, até aquele momento no qual se encontrava o filósofo Aristóteles, não se havia preocupação em estudar o homem em sua característica psicológica, se comparada ao formato de investigação que se pretende mostrar que se realiza, na atualidade, sobre o tema, em que este ganha um *status* particular e singular.

Aristóteles trabalha, em sua análise, na perspectiva estritamente biológica e sua representação na ética, no comportamento social do indivíduo, enquanto S. Freud já mescla todo um empenho em agregar o caráter biológico da evolução e do desenvolvimento humano em sua conjuntura psicológica, terminando no mesmo escopo de trabalho Do pensador Grego, em que a ausência de cuidados com as fases de desenvolvimento conduzem a transtornos psiquiátricos, resultando em patologias psíquicas graves, neuroses e comportamentos antissociais, o que o Mestre de Viena veio a definir como neuroses.

Infelizmente, nos anos mais recentes tem-se tentado inverter a lógica das coisas e a ideia de que os adolescentes são auto suficientes, em todos os campos, especialmente, no que se refere ao desenvolvimento e manutenção de sua economia psíquica tem provocado desastres os mais diversos e isto se dá porque toda uma carga emocional é lançada sobre eles sem que possam saber do que se trata e como direcionar os sentimentos de transferência e contra transferência de uma maneira holística e ampliada quanto aos conceitos de bem e mal, certo e errado, permitido e não permitido e os porquês de tudo isto.

É esta condição particular que faz com que os desafios postos pareçam mais violentos que aqueles que

foram postos aos adolescentes de outras épocas, em que sobre eles pesava não o peso da responsabilidade, mas a obrigação de superar os rituais de passagem e isto lhes abriria portas para um mundo onde seriam recebidos como aprendizes por seus pares e todo um processo de formação humana seria conduzido até o limite de sua preparação, fato que não ocorre na atualidade, em que o pior dos males é lançado sobre os jovens, o do abandono intelectual.

Mesmo o amadurecimento físico humano é tardio, em comparação com outras espécies do reino animal e ainda se vêem obrigados a conviver em um mundo que os desafia a serem algo muito além de suas capacidades, tomados por suas condições de desenvolturas físicas, sem considerar toda a conjuntura psicológica que os conforma.

Há uma estreita relação entre o aparato biológico e o psicológico, não podendo romper com esta configuração, permitindo que se avance a cada etapa com os processos de medidas e ajustes que se mostrem objetivos à idade. Qualquer ação fora deste escopo termina em tragédias graves, em que adultos assumem posturas infantilóides e debilóides sem nem ao menos saberem o porquê de agirem de tal forma.

Freud alerta para ataques à infância e, deve-se tomar o pensamento deste autor com o devido cuidado, ampliando-o até uma dimensão maior, porque um dos fatos de ele não ter tocado no assunto da adolescência, com profundidade, antes de 1939, é que foram os seus estudos pioneiros, ousados e desbravadores os responsáveis por tornar a adolescência um objeto de estudo das ciências psicológicas, pedagógicas e médicas. Quando ela se torna um elemento considerado nas ciências e para o qual se abre um espaço para compreensão mais ampla e profunda é que ele começa a pensar sobre as dimensões mais intrínsecas que compõem a essência humana e tenta desvendar os

sentimentos e o porquê dos comportamentos excêntricos dos adolescentes, tomando como fundamento para seus estudos, análises e interpretações os princípios biológicos clássicos de que dispunha até então.

Antes disto, havia dado respostas bastante furtivas sobre o comportamento adolescente, mesmo sobre temas que condenava em seus estudos clássicos, considerações dirigidas especialmente aos seus discípulos mais próximos, intelectualmente, e aos seus colaboradores, com os quais correspondeu exaustivamente. O que deixa transparecer em Freud era que não se interessava tanto em descrever o comportamento do objeto em questão, antes preocupava-se em compreender sua estrutura mais intrínseca, aquilo que o constituía em sua forma mais íntima e com a adolescência não se mostrou diferente.

Nisto, tem-se que os aspectos referentes à biologia e à psicologia pertinentes à fase adolescente representaram, tão somente, o gatilho utilizado pelo pensador de Viena para chegar ao ponto de inflexão psíquica que poderia explicar a questão da existência de uma condição estranha ao ser humano, enquanto espécie. Ele percebeu que havia um gatilho psíquico muito intenso neste ponto e que poderia ser explorado, assim como havia feito com a infância e seus processos por décadas a fio.

O comportamento adolescente é muito característico, a destacar pela rebeldia, espírito de liberdade, aventureSCO, ousado e irreverente; mas, desprovido de tudo isto, é algo entendido como se não existisse adolescência, o que faz pensar que existe todo um estereótipo sobre esta fase, onde apenas se mostra e é percebida por seu aspecto patológico. Esta é uma condição onde tudo passa a ser interpretado por um viés complexo, com uma visão unilateral das situações e das condições existenciais que envolvem o ser humano. Tomar assim a esta fase desenvolvimental é negar que todo

um processo existencial que se inicia anos antes e se estende por décadas depois seja determinado, também, por este interstício biológico, *sui generis* do gênero humano e que poderia ser, facilmente decifrado e compreendido não fosse ele regido por uma estanha estrutura psíquica [*quase*] indecifrável.

Não se pode deixar ficar retido por um pensamento estranho e definido, *a priori*, pelo fato de que, devido ao desconhecimento amplo da fase adolescente se constroem narrativas, as mais esdrúxulas possível, com a finalidade de responder a anseios particulares. Tudo deve ser pensado e exposto a partir de estudos sistemáticos e de resultados positivos, não como respostas para satisfazer o ego de uns poucos.

A principal característica visível da adolescência é a puberdade que possui um aspecto biológico e universal, caracterizada que é pelas modificações visíveis, como, *v.g.*, o crescimento de pêlos pubianos, auxiliares ou torácicos, o aumento da massa corporal, desenvolvimento das mamas, evolução do pênis, menstruação, etc. Estas mudanças físicas costumam caracterizar a puberdade, que neste caso seria um ato biológico ou da natureza, sem que o homem possa interferir, com muita eficácia. Porém, ela traz outros aspectos arraigados em si, como as incríveis mudanças fenomenológicas e psicológicas, bem como a repressão social sobre este neófito. E é aí que entra a necessidade de um direcionamento e um atendimento adequado, como forma de auxiliar o adolescente neste momento da sua vida que pode ser considerado como um rito de passagem, ou seja, educando corretamente o adolescente quanto aos aspectos biológicos, psicológicos, clínicos e sociais a respeito do seu desenvolvimento é possível ter-se um adulto saudável e que saiba lidar, sem traumas, com seus conflitos.

Quando se faz tal afirmação, já se evidencia que a vida é marcada por todo tipo de conflito e mesmo que se possa apresentar um nível adequado de auto controle, nada muda o aspecto personológico da existência adquirido pela espécie e que é coordenada pela *Physis* e por preceitos filogenéticos e, para piorar, por preceitos ontogenéticos, estes que se esperava que pudessem ser repetidos apenas os valores mais fortes, o que, para angústia, sabe-se bem que os traumas vividos na infância podem se repetir na idade adulta; personalidades esquizopáticas reaparecem depois de tempos relativamente longos de latência.

J. Piaget foi o primeiro teórico a demonstrar a existência da memória ontogenética no gênero humano, com relação específica à cognição e à inteligência. Seu experimento clássico levado a efeito dentro do escopo da Psicologia Cognitiva e da Epistemologia tinha a mais clara intenção de esclarecer se aquilo que Freud e toda a Biologia de seu tempo tratavam sobre os aspectos filogenéticos e ontogenéticos. Ficou provado que, os conhecimentos que são adquiridos na infância ascendem com o indivíduo pela maturidade afora, sendo mais tarde que a aprendizagem naquele sentido se torne menos árdua e mais plástica.

A descoberta de Piaget tem contribuído para grandes estudos e para uma enorme destruição da infância, porque os pensadores deterministas correram em afirmar que 80% da capacidade de aprendizagem humana está concentrada na fase da infância e que, uma vez perdida esta janela de oportunidade, ter-se-á um adulto *meio capaz* e não mais um gênio e atrás deste medo absurdo, de que o filho não atinja o grau de sapiência idealizado por quem não nenhuma, tem-se pais sobrecarregando seus filhos, ainda pequenos, com atividades como aulas de idiomas estrangeiros, música, letras, matemáticas, raciocínio lógico, entre outras coisas,

destruindo a potencialidade de que possam aprender cada coisa em seu devido espaço de tempo.

Este tipo de atitude bizarra adotada pelo sistema contra as crianças leva a que quando estas atinjam a idade adulta, tendo passado pela infância e pela adolescência à margem das mesmas, possam ter ações desmedidas como se estivessem presos a estas fases, na concepção de Freud e que Piaget definiu como etapas que foram queimadas, não vividas, quando de sua manifestação natural.

Este tem se mostrado um desafio complexo de ser superado, a começar que quando se manifesta tais atitudes, tem-se um monstro à solta, porque o que realmente se vê [ou se *nega a ver*] é uma criança, sem limites e dominada pelo desejo latente em um corpo de adulto, transformando tudo o que sempre sonhou em realidade e sem condições de que possam ser parados por qualquer forma conhecida que não seja a violência bruta e desmedida. Logo, a boa condução da adolescência em direção a parâmetros de condutas comportamentais que preservem a sua saúde e economia psíquicas dos indivíduos é a garantia para um futuro saudável para todos, considerando que são estes que irão administrar o Estado.

Desde tempos imemoriais, e em todas as culturas, tem-se a preocupação em formar bem os jovens do sexo masculino para que sejam bons guerreiros e proteja a tribo e a família de todo mal que possa acometê-la. Para isto, faz-se necessário que as jovens do sexo feminino sejam bem educadas, porque a educação inicial das crianças da tribo é responsabilidade das mães, não cabendo a ninguém mais nenhum tipo de atributo sobre isto. Sendo assim, havia que ser modelo para guiar bem os filhos por caminhos de lisura e segurança.

É nesta fase que a criança vai sendo moldada para tornar-se um adulto que deverá escolher uma profissão para

si, estando candidata a cometer erros nesta escolha e isto gera um novo tipo de tensão psicológica, bastante difícil de solucionar, porque somente depois de concluído todo um esforço de uma vida que se estende para trás e para frente que se vai saber se a decisão tomada foi a correta ou não e que resultados isto pode agregar à existência em si.

Na tentativa de esconder estes sentimentos é que se descobre um jovem que avança sobre todos os preceitos da sociedade e não é porque não concorde com estes, apenas porque não sabe o que fazer com sua impotência ante tudo que está posto à sua frente, especialmente a vida e a existência futura.

Bozhovich relata que “a adolescência chama-se também idade de transição, já que é precisamente neste período que se dá um passo decisivo no desenvolvimento da criança, ao concluir sua infância e passar à etapa de desenvolvimento psíquico que o prepara diretamente para a vida profissional independente.”¹⁸

Muitas situações de independência surgem nesta fase, dependendo muito sobre como fora conduzido ao longo de sua infância, sendo tutorado de forma autêntica e autônoma, sendo reconhecido como alguém importante e respeitado em suas exigências naturais como ser humano. Muitas manifestações em contrário podem ser observadas quando a *Physis* infantil é agredida e colocada em situação de conflito com o que se espera de um desenvolvimento normal.

Mesmo que o adolescente se mostre como alguém que não tem nada e que desafia o próprio medo, isto a fim de provar a si mesmo que é valente, fato que acontece, especialmente por causa de a sociedade moderna e [*dita*]

¹⁸ BOZHOVICH, L. I. *La personalidad y su formación en la edad infantil*. La Habana: Editorial Pueblos y Educación, 1981, p. 241.

civilizada tenha abolido os rituais de passagem onde se garantia-lhes a demonstração pública de coragem e força, domínio e, claro, momento em que prevalecia o mais forte, o mais astuto, o mais vigoroso em batalha de campo.

Estes desafios a que eram submetidos, a fim de provar sua força mecânica e também espiritual, compelia os jovens, desde muito cedo a prepararem-se para o grande desafio público, momento em que passariam da condição de crianças para a condição de homens feitos, guiados por um mentor que os respeitava em todos os seus esforços, físicos e intelectuais.

Com os avanços nos processos civilizatórios e os mecanismos de humanização dos indivíduos, tudo isto foi se perdendo e junto com os ritos de passagem, a coragem e o espírito de concorrência que era formado nos adolescentes, desde tenra idade foi desaparecendo até chegar ao ponto em que a humanidade se encontra, abandonada quanto ao seu futuro, porque o que resta são figuras grandes, no entanto, vazias de si mesmas e sem perspectiva de que possam construir algo que supere os grandes feitos da humanidade que, aliás, não lhes interessam, estando mais preocupados ou ocupados em salvar outras almas tão ou mais decadentes que as suas próprias, formando um grupo que mal consegue caminhar por sua própria vontade, necessitando serem guiados a todo instante para todo lugar, uma vez que para eles, o futuro não existe como algo que precise ser construído, apenas usufruído.

Isto é o produto resultante de uma geração que se deixa entregue a si mesma, sem um tutoramento adequado e sem um direcionamento quanto ao que se pode vir a ser, sem uma educação que contribua, de forma transparente, para a construção de uma identidade sólida o suficiente para vencer na vida e construir a próxima geração, para ser forte. Não é eliminando o conflito entre gerações que se resolve a

questão da existência não [tão] pacífica entre pais e filhos, porque são os confrontos que preparam a geração presente para compreender o que foi idealizado quando de seus momentos de rebeldia e compreender a violência dos filhos ainda pequenos, a inconformidade, a insolência e o desejo de superação à força destes, como se não houvesse outra solução.

Uma vez ausente todo este contexto de rivalidade intelectual intergeracional, toda a *essência* da existência se esvai, tomando aqui o conceito de essência a partir do pensamento de Martin Heidegger, que se refere a estar em movimento, estar em ação, nisto buscando o mais amplo mecanismo de acontecimento para a vida. Sem ter um objeto concreto contra o qual direcionar seu ódio, o faz contra um objeto abstrato, fazendo nascer homens que não se engajam em nenhum processo de luta real, apenas imaginário contra rivais imaginários e contra os quais jamais podem vencer, como D. Quixote enfrentando os moinhos de vento, recém-chegados à Espanha, no Século XVII.

O que jamais se pode perder de vista é que a adolescência é uma fase compreendida entre duas outras que possuem características peculiares e o mais estranho é que existe uma terceira fase evolutiva na condição humana, mas que não é considerada [*dentro dos estritos preceitos filogenéticos*], o que já deixa com uma suspeita de que, a velhice é que pode ser considerada como uma construção da modernidade.

Retornando ao objeto de estudo deste livro, tem-se que a adolescência e tudo o que ela traz e carrega consigo representa uma condição singular de transitoriedade entre um estágio do qual não se consegue ter muitas lembranças autônomas, sendo boa parte delas construídas a partir de relatos alheios e sobre este, Freud disse que é o melhor período da existência humana, porque não existe outro com

o qual se possa tecer qualquer tipo de comparação. O estágio seguinte é a fase adulta, plena de responsabilidades e desafios, amarguras e angústias, postas pela vida mesmo que não as queira ou como algo que faz parte dos desejos que movimentam a espécie *sapiens* em direção a algo que, paradoxalmente, desconhece, de fato, e que somente se torna conhecedor após experienciá-las de modo concreto.

Mas, esta condição de estar presa entre um e outro é o que intriga e desafia a lógica abstrata. Por qual motivo, uma criatura tão perfeita necessitaria de um elemento de transição de uma fase a outra? Que segredos a natureza guarda sobre a gênese humana e toda a sua estrutura psicológica que viu-se [*quase que*] obrigada a colocar um objeto estruturante na evolução?

Esta condição de transitoriedade tem levado a gerar os confrontos entre as gerações, agregado a isto o fato de serem ousados, beligerantes e com uma disposição muito altruísta de mudar o mundo e seus valores, adaptando-os, obviamente, aos que eles consideram como bons para si mesmos. E este modo de tentar ajustar as coisas ao que interessa-lhes de imediato desperta a ideia de que são indivíduos em crise. “Tem-se acostumado a considerar a adolescência como uma idade de agudas crises, de conflitos internos e externos, de rompimento com [*quase todos*] os princípios morais, debilidade, de individualismo, de escape de si mesmo, *etc.*”¹⁹

A pensadora expressa sua crítica aqui contra todo um conjunto retórico que se convencionou elaborar e tomar como verdade sobre a distinta fase da adolescência e o comportamento dos adolescentes, o que já ressalta que não pode ser tomado como a única via de entendimento sobre

¹⁹ BOZHOVICH, L. I. *La personalidad y su formación en la edad infantil*. La Habana: Editorial Pueblos y Educación, 1981, p. 242.

ambos, porque não se pode eximir de que existam conflitos de natureza interna, desejos não expressos ou medos que subjazem a estas manifestações de ordem psicológica até que passem sem causar nenhum dano à estrutura psíquica do indivíduo e que, termina como parte da gama de segredos que todos devem e irão manter [*não tanto*] para si e para os outros.

Crer que algum adolescente passou por sua fase desenvolvimental sem manifestar qualquer tipo de conflito de natureza exógena é até possível de se crer; mas, que passou por ela sem enfrentar diversos conflitos de natureza endógena é ignorar os seus sonhos, os seus suspiros, os escritos, os desenhos, os rabiscos, o silêncio e toda forma de manifestação surrealista, típica e exclusiva dos humanos e que, para a mínima compreensão sobre seus significados necessitam ser tomados como objetos de estudo, sendo interpretados, utilizando, para tanto, diversos instrumentos e várias ciências.

Dado a capacidade intelectual reduzida de uma parte considerável dos humanos para se compreender coisas complexas, preferindo reduzi-las a conceitos e definições simplistas, isto é o que aconteceu com a adolescência, em nome de uma busca por algo que se perdeu ao longo do tempo, durante o processo evolutivo e que ninguém sabe o que é, logo, não sabe nem como nem onde encontrá-lo; mas, sente inveja quando o enxerga expresso nas atitudes dos mais jovens.

Tomar, como objeto de estudos, uma determinada fase desenvolvimental humana presume tratá-la com o máximo de respeito, mesmo quando este venha a zombar do estudioso, por passar anos a fio sem ter uma resposta que satisfaça ao ego da maioria, mas assim há de ser, porque caso fosse de outra forma, não seria caracterizado como estudo sistemático e os resultados, aí alcançados, não

permitiriam auferir segurança científica e intelectual a novos estudos, que poderiam ser tratados como continuação de qualquer crença volitiva, estando sempre fundamentada em *sabedoria convencional*²⁰.

Entre grupos bestiais, como as gangues de ruas e outros grupos selvagens contemporâneos, que mantêm comportamentos primitivos em suas condições de comando e administração da existência, o primeiro passo é ignorar a infância e a vida adulta, a primeira por ser um momento em que a inocência pode colocar todo o negócio a perder, por não mostrar-se capaz de guardar segredos e a última, por uma questão jurídica, ou pelo menos é o que se torna mais fácil pensar e que menos explicações exigem, ou ainda, porque como estes grupos são compostos por meras bestas ignorantes, não saberiam compreender ou mesmo explicar comportamentos antropológicos primitivos que há muito foram esquecidos porque afastados da consciência. Ocorre que, estes grupos que ainda persistem em comportamentos primitivos sabem muito bem que é na adolescência que a fronteira entre o Ego e o Superego está mais fluida e não definida; portanto, o indivíduo é mais susceptível a ser manipulado e o que causa espanto é o fato de que estas feras assassinas e pestilentas terem uma visão transparente sobre o comportamento humano neste estágio, conseguir elaborar estratégias de comando, ação tática, recrutamento, obediência e extermínio sem que os companheiros destas vítimas se dêem a devida importância; algo como se eles [os

²⁰ “Segundo Galbraith, a sabedoria convencional apóia-se nas ideias aceitáveis para buscar estabilidade. Sua articulação é prerrogativa de pessoas que buscam influenciar processos. No entanto, possui um terrível adversário: a marcha dos acontecimentos. O golpe fatal ocorre quando as ideias convencionais falham notoriamente em tratar certas contingências. As ideias que perdem vínculos com o mundo tornam-se irrelevantes” (MEDEIROS, Rodrigo Loureiro. Quem confia na sabedoria convencional? *Monitor Mercantil*. 2008. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/quem-confia-na-sabedoria-convencional/>. Acesso em 03 de junho de 2021, s.p.).

que sobreviveram até então] estivessem imunes ao que lhes aguarda como futuro, pertencendo àqueles grupos.

Esta condição de fragilidade entre o que se sente e o que se pode fazer é algo pertinente à fase adolescente e somente quando se possa estar seguro da perda do amor de alguém que não ultrapassa esta fronteira e entendendo aqui, o sentimento de amor, como reconhecimento por sua pessoa. Nisto, aqueles que aprendem a manipular esta condição de desequilíbrio egóico que toma conta do espírito dos adolescentes, em que os desejos passam a fluir como soberanos e o limite para estes passa a ser a satisfação plena dos mesmos, se posicionam como seus donos e tudo o que exigem deles não é nada além de uma compensação pelo esforço empreendido.

Todo um meticuloso processo de engenharia social é construído e validado por órgãos de imprensa e revistas medíocres, onde *supostos especialistas* dizem exatamente o que os adolescentes e seus pais desejam escutar e que vai de encontro ao que lhes acontece, sem mostrar qualquer solução plausível para o problema; aliás, não mostra é nada, deixando a compreensão de que a melhor saída é evitar o confronto e, conseqüentemente, o conflito. Não sabem que sem conflito, sem personalidade forte no futuro.

São muitos os adjetivos que se têm usado, como meios pejorativos de classificar os adolescentes, como se existisse um consenso social para que se falasse mal deles a todo instante e dirigir-lhes palavras de bem-estar pudesse representar atrasos fenomenológicos para a sociedade. Pode ser que este pensamento convencional de julgamento, sempre em desfavor dos adolescentes seja o mais próximo que se pode chegar de manifestação da inveja contra eles, sem que se fosse punido por expressar tal sentimento.

Sobre o comportamento expansivo a que muitos se entregam, o professor Martelí argumenta que, “às vezes os

adolescentes atuam contra as regras sociais em busca de um reconhecimento de necessidade de base inconsciente, social ou mesmo de autoestima.”²¹

Partindo da compreensão do autor supracitado, não trata-se de romper com regras porque isto provocam-lhes prazer por fazer tal e qual coisa contra os valores que estão estabelecidos. Há muitas coisas guardadas no íntimo de cada um que cabe às ciências psicológicas e a Psicanálise, em especial, pelo motivo de que trata das investigações mentais com maior profundidade, descobrirem e assim criar métodos de intervenção que possam colaborar na educação e formação personológica dos adolescentes, uma vez que acabar com a adolescência, como é o desejo de muitos adultos, é um fato impossível de ser realizado.

O fim da adolescência como uma etapa protegida por lei é um desejo ardente do setor produtivo, em que livres das amarras jurisprudenciais, poder-se-ia voltar a utilizar a força de trabalho como se fazia em épocas não tão distantes da era contemporânea que está-se a viver. O problema é ajustar a que tipo de trabalho os adolescentes melhor se encaixam e, como não são adeptos a rotinas definidas, antecipadamente, os modelos de empresas que se conhece não conseguem ter ou elaborar um atendimento às suas peculiaridades.

Nisto, já se tem que os profissionais conhecem bem como se comportam o pensamento e o espírito destes jovens, havendo resistência à problemática de que forma aproveitar os mecanismos de ação que a ela encontram-se vinculados. O aumento da expectativa de vida fez com que a adolescência fosse ainda mais protegida, por causa da questão de empregabilidade dos adultos, fato histórico e que

²¹ MASENS, Luis Elidio Martelí. *Comunicação pessoal ao autor*. La Habana (CU): Facultad de Humanidades - Universidad de Ciencias Pedagógicas “Enrique José Varona”, 2015, s.p.

na história brasileira, quando ainda no Brasil-Império se proíbe o trabalho infantil e, por extensão, se abarca um pedaço da adolescência, o interesse se montava sobre a chegada de imigrantes europeus ao país e a consequente absorção da mão de obra destes. Portanto, não se trata de que estavam [*assim como nunca estiveram*] interessados em proteger a infância e a adolescência de males abjetos. O mundo da criminalidade, espaço paralelo ao Estado de Direito, para o qual não existe a ética jurisprudencial *nômica*, valendo o princípio único da *Physis*, explora, usa e abusa da condição precária que assoma aos sentimentos destes indivíduos e o que se percebe é que toda a cantilena que se faz contra estes grupos carnívoros não passa de inveja e ressentimento; jamais de desejo altruísta com relação aos adolescentes e suas vidas.

A adolescência segue sendo uma fase de elevada complexidade epistemológica, incompreendida em si mesma e, por complexa aqui, utiliza-se a expressão de Eugene Bleuler, cunhada por Carl Gustav Jung, que se trata de um momento em que se reúnem vários elementos, cada qual com sua peculiaridade e dimensões que extrapolam o nível de conhecimento que pode ser explicado de forma isolada.

Toda a rivalidade e ousadia desta fase existencial humana são marcadas como um aspecto em que faz parte da construção personológica singular do gênero humano, compreendendo que, ausente qualquer condição de conflito, não há motivo para educação, para endireitar o que se considera torto, para disciplinar o pensamento distorcido ou em contraste com a realidade social na qual se está inserido e mesmo, estranhamente, com a *Physis* que, muito mais que o *Nomós*, não aceita excessos, punindo-os com uma severidade espantosa.

Como proceder para que todas as etapas humanas de desenvolvimento sejam construídas da maneira mais

objetiva possível tem se tornado o grande desafio postulado aos estudiosos da gnose humana e mais especificamente àqueles que dedicam-se às pesquisas sobre adolescentes. O grande problema tem sido a percepção de que somente há situações e sentimentos negativos nesta fase da vida e que tudo o que pensam são sonhos, delírios e devaneios, esquecendo-se que são estes desejos insatisfeitos que fazem com que o mundo continue a mover-se no futuro.

CONCLUSÃO

A adolescência, a despeito de todos os avanços nos campos cognitivos e de conhecimentos da Psicologia, da Psicanálise, da Neurologia e de ciências afins não tem-se, ainda, um conceito determinado que permita definir o que seja o adolescente e nem a adolescência, em si. A falta de um consenso científico provoca mais e mais conflitos entre aqueles que cuidam da educação e da formação intelectual e gnosiológica dos adolescentes aumentando, ainda mais, o hiato entre as gerações.

Os instrumentos que se utiliza para caracterizar a ambos ainda é fundamenta na questão do comportamento, este determinado pela sociedade sobre o que considera como ideal para seus padrões. No entanto, isto se mostra não o suficiente para compreender o que, de fato, significa representa ou significa esta fase singular da existência humana.

Os estudos têm mostrado que toda a personalidade do adulto está fundamentada sobre os estágios anteriores de desenvolvimento adolescente e que nesta fase, fica mais acentuada os conflitos dado as formas de confronto dos valores, culturalmente, estabelecidos como ideais, portanto, que devem ser alcançados. Em culturas onde a educação dos indivíduos segue padrões mais elásticos, quanto aos preceitos morais, *acredita-se* não haver conflitos [*intrínsecos e extrínsecos*] na passagem entre a fase de infância e a adulta; mas, toda esta crença encerra-se sob aspectos os mais puramente especulativos e que, via de regra, terminam não resistindo a um juízo criterioso de valor e de análise científica.

O que se conhece de fato sobre a adolescência, já torna possível que seja definida como um elemento concreto na constituição da personalidade humana, tomando como

ponto de partida a constituição biopsicológica dos seres humanos; mas, para amenizar a situação conflituosa entre as gerações há que aprofundar ainda muito mais na busca por respostas e pode-se chegar a conclusões de que a existência do conflito entre ambas é o elemento chave para a consolidação da personalidade adulta.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício; *et all.* *Adolescência Normal*. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994 citado por SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *In: Estudos de Psicologia*. Campinas, 22(1). Janeiro – março, 2005, p. 37.
- ARIËS, P. *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOZHOVICH, L. I. *La Personalidad y Su Formación en la Edad Infantil*. La Habana: Editorial Pueblos y Educación, 1981.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº. 8096/90. Brasília. Centro Gráfico do Senado Federal, 2005.
- BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.
- COLÔMBIA. LEY Nº. 1098. 'Por la cual se expide el código de la infancia y la adolescencia'. *In: Congreso de Colombia*, 08 de Noviembre de 2006.
- MASENS, Luis Elidio Martelí. *Comunicação pessoal ao autor*. La Habana (CU): Facultad de Humanidades - Universidad de Ciencias Pedagógicas "Enrique José Varona", 2015.

OSÓRIO, Luís Carlos. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *In: Estudos de Psicologia*. Campinas, 22(1). Janeiro – março, 2005.

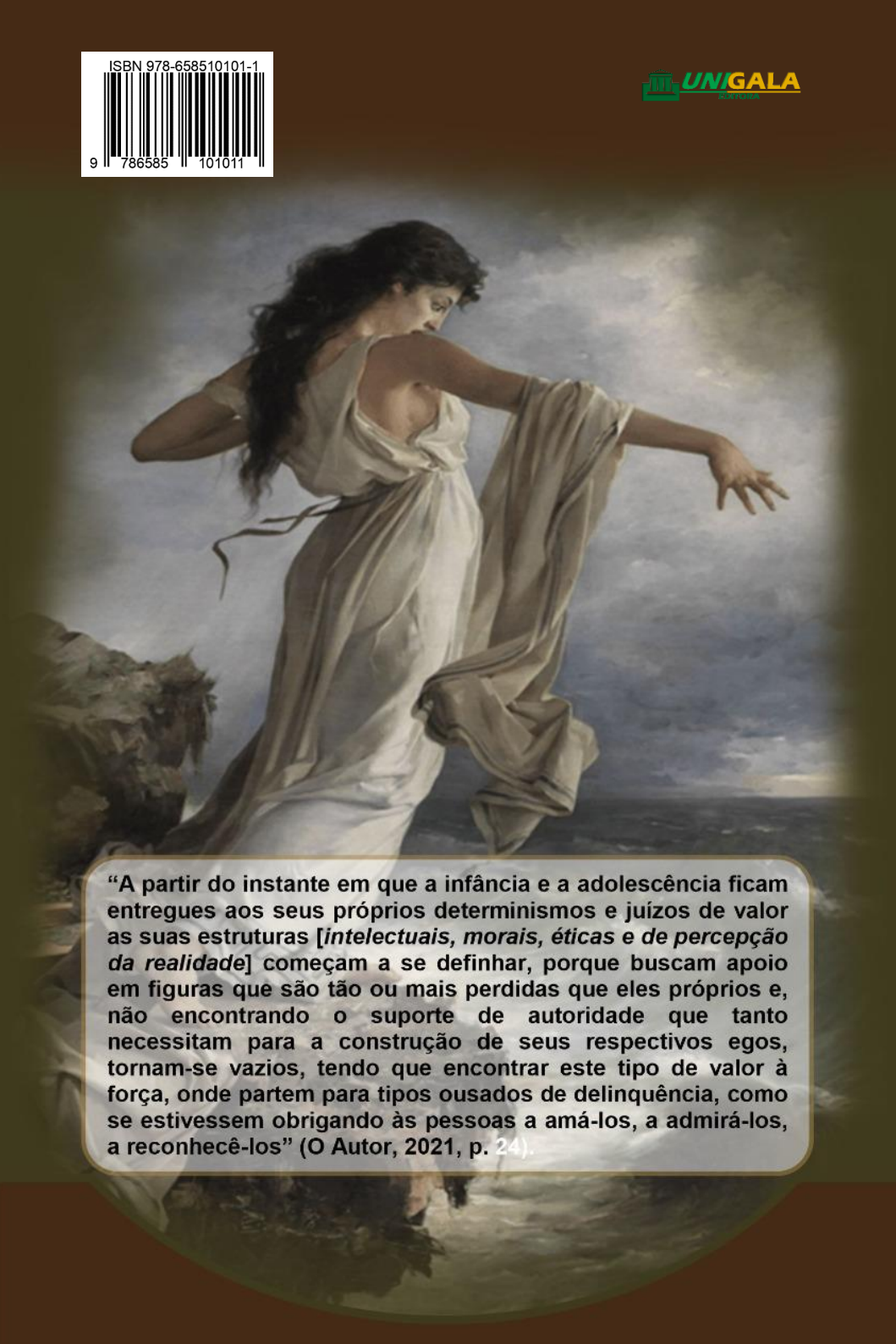
VIANA, Fabrício. *O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido*. Blumenau: [s.e.], 2006.

O Autor



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em Filosofia e Sociologia. Psicanalista.
Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em
Psicologia.

A dramatic painting of a woman with long, dark, wavy hair, wearing a long, flowing white dress. She is standing on a rocky cliff edge, looking down and to the right with a somber expression. Her right arm is extended outwards, and her left hand is near her chest. The background is a dark, stormy sky with a bright light source breaking through the clouds on the right side. The overall mood is one of despair and loss.

“A partir do instante em que a infância e a adolescência ficam entregues aos seus próprios determinismos e juízos de valor as suas estruturas [*intelectuais, morais, éticas e de percepção da realidade*] começam a se definir, porque buscam apoio em figuras que são tão ou mais perdidas que eles próprios e, não encontrando o suporte de autoridade que tanto necessitam para a construção de seus respectivos egos, tornam-se vazios, tendo que encontrar este tipo de valor à força, onde partem para tipos ousados de delinquência, como se estivessem obrigando às pessoas a amá-los, a admirá-los, a reconhecê-los” (O Autor, 2021, p. 24).